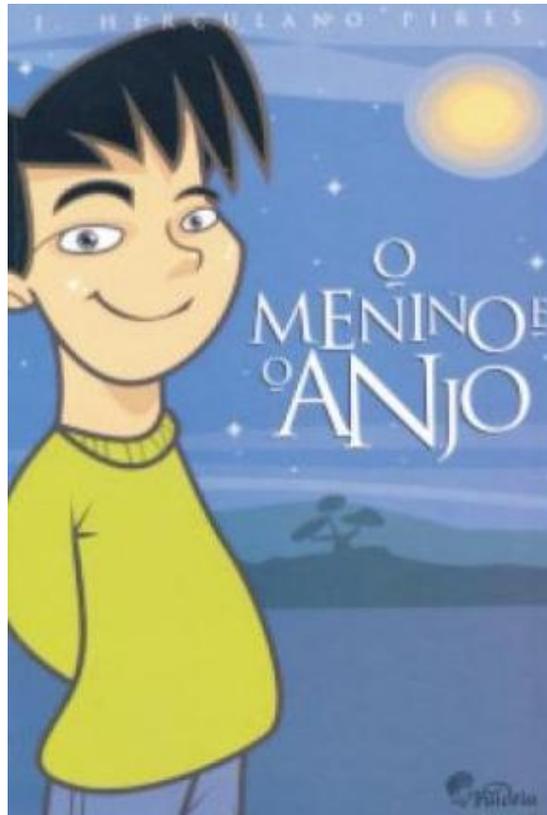


Herculano Pires

O Menino e o Anjo



Conteúdo resumido

Uma novela feita de sonho e realidade, para adolescentes e adultos. O autor conta as aventuras de Luizinho e Noir, dois

garotos de pequena cidade do interior paulista que se defrontam com um Anjo, ser espiritual que depois das primeiras peripécias e sobressaltos passa a lhes fornecer informações cheias de sabedoria, a respeito das relações entre a vida material e a espiritual.

Menino – Venha ver o que escrevi sobre você.

Anjo – Por que você faz tantos sinaizinhos sobre as letras? São letras aureoladas?

Menino – Não, não temos letras santas nem angélicas.

Anjo – Sei, elas são como os homens, tanto servem para fazer o mal como o bem. Tire esses sinaizinhos, atrapalham a gente.

Menino – Não posso tirar, vão dizer que eu escrevi errado.

Anjo – Eu vou tirar com a pontinha da asa, bem de leve, Você vai ver. No mundo dos anjos tudo é mais fácil. Nem andamos, voamos. É tão bom voar, não se tropeça.

Menino-anjo	4
Ficção Científica Paranormal	5
1 – Aparição	10
2 – A batalha	17
3 – Amanhecer	24
4 – Meio-dia	30
5 – Anoitecer	36
6 – Magia.....	43
7 – Confusão.....	49
8 – Luar	55
9 – Chão	63
10 – Homem	69
Ficha de Identificação Literária.....	76

Menino-anjo

*morre um menino ao nascer
volta um anjo para o Céu
se um anjo quer renascer
primeiro morre no Céu*

*menino – anjo sem asas
brincando na Terra
anjo – menino com asas
voando no Céu*

*dorme menino dorme
em noites de Lua cheia
a Lua é uma flor enorme
aranha de ouro em sua teia*

*menino-anjo na Terra
anjo-menino no Céu
a teia da Lua encerra
mistérios de Terra e Céu*

*nos mistérios da vida
há flor que vinga e padece
mas a flor que deixa a vida
além da vida floresce*

*menino-anjo anjo-menino
da Lua na claridade
vou tecendo o meu destino
com os fios da saudade*

(Canção do Palhaço Pururuca, ao violão, no Circo Maravilha,
em Itaí, nos idos de 1922, quando perdera seu único filho.)

Ficção Científica Paranormal

O novo ramo da árvore literária que apresentamos nesta série não é uma nova escola, não tem a pretensão de penetrar em mares nunca dantes navegados. Substancialmente a ficção paranormal é uma constante de toda a Literatura. Mas formalmente temos uma novidade: a nova forma, eminentemente racional e científica em que o paranormal aparece no campo literário, graças a uma nova tomada de consciência da multiplicidade de dimensões da realidade que consideramos apenas tridimensional. René Descartes já havia denunciado a confusão que fazemos entre alma e corpo. Essa confusão resultou no aviltamento da Psicologia, que, como acentuou Rhine, transformou-se em simples ramo da Ecologia, a partir do reflexionismo russo até no behaviorismo norte-americano, na interpretação bastarda do homem como um animal dirigido pelas excitações do meio.

O naturalismo e o realismo literários produziram a literatura linear, tipo de reportagem que Sartre denunciou ao comentar o vazio dos personagens transformados em robôs de ação mecânica. O psicologismo literário foi a grande barreira oposta a essa nadificação do humano, cabendo a Freud a glória da reação em suas pesquisas do inconsciente e particularmente do mundo onírico. A era francesa do magnetismo, da qual surgiu Kardec (quando Freud estava ainda na primeira infância) abriu perspectivas definitivas para a renovação cultural, que chegaria em nossos dias ao toque de Tomé nas chagas do Cristo, com o rompimento einsteiniano da catalepsia da Física. O próprio Richet escreveu a primeira obra de ficção científica paranormal, com uma novela baseada nos resultados da pesquisa metapsíquica.

Toda a Literatura, desde os tempos mais remotos, está carregada de paranormalidade. Os textos sagrados da Índia, do Egito, da Mesopotâmia, da China, passando pelos clássicos gregos e romanos, por hebreus e cristãos, até ao mundo moderno, fantasmas, deuses e demônios, anjos e sereias, bruxos

e santos desfilam ante os estudiosos das letras num universo mágico em que as dimensões da realidade palpável e visível se esfumam e as criaturas humanas se transformam em visagens alucinatórias. Reis, poetas, guerreiros, heróis e heroínas misturam-se com os deuses do intermúndio, proliferam numa miscigenação divino-diabólica. O conceito do sobrenatural supera o natural e o pulveriza. A realidade medieval não existiu, pois os mitos se apossaram do real e o absorveram. A mitologia cristã fundiu de tal maneira homens e mitos e os teólogos revelaram sua esquizofrenia catatônica, nas mirabolantes teorias das essências e das espécies, misturando carne e espírito, que os incubos e sucubos transformaram conventos em alcoices e vice-versa. A fascinação da nudez adâmica – estado de graça e pecado ao mesmo tempo – semeava gravidezes e pseudociêses nos templos transformados em colônias místicas e profanas de nudistas em busca de salvação. E era natural que isso acontecesse, pois todos precisavam de salvar a alma e o corpo de uma só vez e no mesmo instante, para não perderem a vida eterna. Já no Judaísmo se verificava essa mesma confusão, com o dogma da ressurreição da carne e a exigência divina do *multiplicai-vos*.

No mundo moderno, com a euforia do retorno aos gregos (sem a presunção competitiva dos deuses, confinados no Olimpo estritamente conceptual), a literatura deliciou-se na liberdade sensorial, reagindo altivamente contra os censores carrancudos da moral cristã. A realidade humana se desligava do sobrenatural e mergulhava na realidade animal. Foi por isso que Voltaire, ao ver Rousseau reclamar a volta do homem à natureza humana, achou que ele queria a volta à selva, com o homem a andar de quatro. Homem e animal se confundiam no plano dos instintos e o sobrenatural se revertia em anormalidade patológica. No mundo moderno, e mesmo no contemporâneo, a fórmula do real era simplória e eficaz: instinto mais hipocrisia davam dignidade e santidade. Foi com esse produto espúrio de milênios de esquizofrenia coletiva que chegamos à era científica. A descoberta do baú de recalques do inconsciente provou a eficácia da fórmula e a literatura pornográfica deu início à catarse

universal que o pobre Dr. Freud não podia realizar em seu modesto consultório. Hoje não estamos na era pornográfica, mas na sua explosão final. Os últimos barris de pólvora estão explodindo sob a vigilância dos dragões atômicos, com seus olhos de radar e suas garras de botões.

O cerco se fechou. A cidadela humana, sitiada inexoravelmente, asfixiada na sujeira do mundo, privada de ar e água, vendo seus recursos se esgotarem, tentou em vão uma saída para o espaço, onde só encontrou o vazio e a solidão. Inútil procurar uma brecha na muralha atômica, formada de bombas nucleares, sobrevoada por espaçonaves desconhecidas, com o fundo do mar convertido em porão de entulhos envenenados e explosivos. Os astronautas que pisaram na Lua ficaram aterrorizados e apelaram para o misticismo. Os cientistas sem perspectivas, naufragos de si mesmos, apelam para a bomba de nêutrons. A solução é a de Sartre: nadificação do homem, esse bípede monstruoso e inconseqüente que perdeu o fio de Ariadne da Razão e se apega à loucura. Só há uma solução para esse impasse infernal: a aceitação do paranormal, o rompimento do falso conceito das três dimensões, a abertura da mente para a realidade multidimensional. A Literatura deixa de ser passatempo, produtora de prazer estético, geradora de delírios sensoriais, e promotora de guerras imaginárias entre planetas alucinados e constelações desvairadas na imensidade cósmica. Cabe-lhe uma função mais grave e mais urgente: a de ajustar o homem à nova realidade das dimensões múltiplas do Ser e do Cosmos.

A ficção científica aleatória dos nossos dias vai a reboque das Ciências, como o lince faminto no rastro do leão. Vive nos restos do banquete do rei e oculta-se, para não ser também devorada, nas furnas da mentalidade troglodita. Brinca de esconde-esconde nas selvas do passado, com o rabo entre as pernas trêmulas de medo, incapaz de compreender os novos tempos que surgem na aurora cósmica. Ao invés de elevar o globo terreno ao plano dos mundos superiores, transforma as civilizações do Inefável em conquistas a bacamarte do Século de Pizarro e Cortês. Em lugar de esperança e fé no futuro, de confiança no homem, semeia os

pavores de Wells as pantomimas circenses de Huxley na mente assustada de uma humanidade sitiada pela sua própria voracidade.

A ficção científica paranormal baliza o roteiro futuro das Ciências, nas veredas abertas por Kardec e Richet, revelando as potencialidades infinitas do Ser em desenvolvimento nas coordenadas da evolução cultural e histórica. Sitiado na Terra devastada e suja, ante o vazio e a solidão do cosmos, o homem atual se entrega ao masoquismo dos pesadelos da violência tecnológica. Ferve os ingredientes do pavor em suas panelas terroristas. Não percebe o sentido das descobertas parapsicológicas, em que o pensamento se afirma como a mais poderosa energia da realidade multidimensional, das descobertas físicas da antimatéria, geradora de novas formas de espaço. Não compreende a façanha biofísica da descoberta do corpo bioplásmico do homem e procura escondê-la para negar a sua imortalidade, envergonhado de não ser apenas pó que em pó se reverte.

Há uma contradição violenta entre a confirmação cada vez maior da estrutura inteligente do Universo e a negação cada vez mais insistente da realidade do homem como ser espiritual. A ficção científica endossa essa contradição ao mostrar a inteligência humana vitoriosa na conquista do Cosmos e ao mesmo tempo reduzindo essa inteligência à condição primária de agressores e criminosos brutais. A teoria da evolução, admitida cientificamente em suas linhas gerais e provada de maneira inegável, histórica, biofísica, social e antropologicamente, é reduzida à simples hipótese de mudanças e metamorfoses em campos restritos. A mundividência filosófica retorna ao caos, negando o sentido do mundo e da vida, não obstante subsista o conceito de transcendência na mais vigorosa corrente do pensamento atual.

Por todos esses fatores, a ficção científica paranormal se impõe à Literatura como pesquisa literária capaz de restabelecer a ordem do pensamento e a unidade da consciência na hora extremamente grave do balanço geral das loucuras humanas no planeta ameaçado. Não podemos entrar na Era Cósmica apoiados

nas muletas da perplexidade gerada pelas moscas assustadas com os seus próprios zumbidos. Galáxias inumeráveis e mundos inimagináveis em sua estrutura e beleza desafiam no Infinito as nossas pretensões de julgadores da Ordem Universal. Pigmeus do cosmos, fatalmente ligados à escala zoológica, primitivos e brutais, não podemos medir a grandeza do Universo pelos milímetros da nossa falência.

J.H.P.

1

Aparição

O menino acordou com o tatarar das asas do anjo, que girava no quarto, junto ao forro. Mas não abriu os olhos. Ficou ouvindo em silêncio, quase sem respirar. Sabia que se abrisse os olhos aquilo acabava. O anjo desceu e passou voando sobre o seu rosto, roçando-o de leve com a ponta da asa. Ele sorriu. A mãe lhe havia dito que era o seu anjo da guarda. Ainda sorrindo, abriu os olhos de súbito e o anjo, num lapso, voltou para o quadro.

Aquilo já acontecera muitas vezes e ele nunca pudera saber como ocorria. Enquanto ele erguia as pálpebras o anjo deixava de ser anjo e virava figura. Ele ouvia até o estalido leve e seco do anjo batendo no quadro, sobre o papel e por baixo do vidro. Já tentara, virando-se na cama devagar, abrir os olhos de frente para o quadro, que estava na parede, sobre a cabeceira da cama. Mesmo assim não percebia mais do que aquilo: o estalido, o reflexo da luz nos olhos e o anjo novamente colado. Já examinara o quadro, fizera a mãe examiná-lo e não encontrara meio de explicar o caso.



Ele queria ver como o anjo saía do quarto.

Agora ia tentar de novo. Percebeu que o anjo estava no alto do forro, bem no meio do quarto. Teria de flechar de lá para o alvo, dando-lhe tempo suficiente para apanhá-lo no vôo. Trêmulo de emoção, mas alegre, abriu as pálpebras e só ouviu o estalido. Olhou para o quadro e lá estava o anjo na mesma posição de sempre. Era o quadro com o diploma da sua primeira comunhão. Sempre o mesmo, do mesmo jeito, sem oscilar nem tremer na parede amarelada. Disse, sorrindo, para o anjo:

– Ainda te pego, maganão. Vou descobrir esse truque. Você tem alguém que te ajuda. Vou te pegar!

Jogou na cama o camisolão de dormir e vestiu a calça às pressas. Enfiou o boné de capitão na cabeça, apertou a cinta de couro e meteu entre ela e a calça a espada de pau. Calçou os sapatos sem desamarrar os cordéis e olhou-se no espelho do guarda-roupas. Estava bem (ajeitou de novo a espada na cintura), mas aquelas calças curtas, para cima dos joelhos, não o agradavam. Tiravam-lhe um pouco do ar militar. Correu para a cozinha e contou à mãe o que disse ao anjo. Ela corrigiu a concordância:

– Você fala na segunda pessoa e chama o anjo pela terceira.

– O que tem isso? – perguntou ele. – Acho que o anjo nem estuda Português.

A mãe sorriu e pôs na mesa o café com leite. Tomou o café com leite, cortou um pedaço do bolo e saiu correndo. A mãe ficou na porta, olhando-o preocupada. Aquela estória do anjo...

Crianças que vêem coisas morrem logo. Aquele anjo não estaria querendo levá-lo para o Céu?

Luizinho tinha apenas oito anos e já estava no segundo ano das Escolas Mistas Rurais de Itaí. Era um menino franzino, mas forte e ativo, gostava de ler, de estudar e de escrever, mas não gostava menos de peraltear com os moleques da vizinhança. Tinha uma carabina, dois revólveres e duas espadas, tudo isso feito de pau pelo seu tio Totó, que trabalhava a madeira com seu canivete.

Correu para o quintal de Nhá Zoza, onde ele e Noir, filho da vizinha, haviam instalado numa barraca de tábuas cobertas com

folhas de mamoneiro, o seu quartel-general. Não encontrou ninguém, nem Noir. A tropa estava atrasada. Entrou na barraca, sentou-se no banco de tábuas e, de repente, viu o anjo sentado à sua frente, no outro banco, sorrindo para ele. Encarou o anjo desconfiado. Não seria uma arte da turma? Aproximou-se do anjo e tocou-lhe a asa esquerda com as pontas dos dedos. Não era uma asa de papel de seda dos anjos de procissão. Era asa mesmo, como as das pombas. Deu um empurrão no anjo, que quase caiu do banco mas sorriu e disse:

– Não adianta, sou anjo mesmo.

Luizinho sentiu um arrepio. O anjo disse:

– Não se assuste. O que é isso? Sou o seu anjo da guarda e você tem medo de mim?

O menino voltou para o seu banco. Estava suando frio, suas mãos tremiam.

– Vou-me embora – disse o anjo – você está tremendo como vara verde. Só voltarei quando você perder esse medo bobo e me chamar.

O anjo sumiu e o menino respirou aliviado. Mas ao mesmo tempo decepcionou-se. Não queria ter ficado com medo. Queria conversar com o anjo, perguntar como ele fazia aquela mágica do quadro e ver (isso é que era importante) o anjo bater as asas e voltar voando para o Céu.

Luizinho nunca pensara que ver o anjo de perto pudesse lhe causar tanto medo. Sentia-se envergonhado. Era por isso, de certo, que o anjo nunca o deixara ver. Mas aquela aparição do anjo lhe trouxera mais um problema. Era claro que o anjo que vira e palpava não podia ser o do quadro, que era apenas uma imagem. Ficou pensando naquilo.

“Será que os anjos são crianças do Céu, crianças de anjos adultos que às vezes escapam e vêm brincar com as crianças da Terra? O anjo do quadro era adulto, com enormes asas abertas amparando um menino, que era ele. Mas o anjo que ele vira era como ele, do seu mesmo tamanho e com asas menores.”

Pensou tudo isso num instante, afobado, e de repente saiu correndo. Esbarrou com Eliza, irmã de Noir, na porta da sala de

jantar, no meio da casa. Viu de relance, naquele encontro, uma beleza estranha no rosto levemente sardento da menina. “Como é linda!” – pensou, mas continuou correndo porque desejava chegar logo à sua casa e contar à mãe que vira o anjo e falara com ele. A mãe empalideceu, mas logo se conteve, abaixou-se, passou-lhe a mão nos cabelos, pegou-o pelo braço e disse:

– Não se assuste, meu filho, isso não é nada. Os anjos gostam de crianças boas e você é uma delas. Não pense mais nisso, vá brincar, que depois do almoço você tem de fazer os exercícios da escola.

Mas o menino não a deixou. Agarrou-se à sua saia e dizia:

– Tive medo, mãe, muito medo! Mas eu quero ver ele de novo. Ele disse que só volta quando eu chamar. Eu quero chamar o anjo, mas ainda estou com tanto medo!

A mãe continha a sua aflição. Não sabia o que dizer nem o que fazer. Suas suspeitas pareciam confirmar-se. Até aquele momento o filho só ouvira o tatarar das asas do anjo. Agora o vira, tocara com os dedos e ambos conversaram. Mandou o menino contar a estória a Dona Zoza e fechou-se no quarto para orar. Deus havia de ouvi-la e livrá-la daquele castigo. Luizinho era o seu único filho e o seu orgulho. Deus afastaria aquele anjo de sua casa, para que ele não mais assustasse o menino.

Mal saiu do quarto e o marido chegava para o almoço. Teve de correr ao fogão, atizar o fogo de lenha, cuidar das panelas. Contou tudo ao marido enquanto acabava de preparar o almoço.

Na mesa o marido tentou consolar a mulher. Aquilo eram coisas de criança. Principalmente de crianças vivas, inteligentes, que são sempre imaginosas. Tirasse aquele quadro da parede e largasse de excitar o menino com a sua carolice. Religião era um freio, mas em vão se aperta o freio na boca de cavalinho novo.

– Você não me ouviu e pôs o menino na igreja como coroinha. Amarrou o moleque na batina do padre e deu nisso. Deixe ele brincar mais, saltar por aí, em vez de mandá-lo a todo instante para a sacristia.

A mulher não gostava daquelas atitudes heréticas do marido, mas naquele momento estava propensa a aceitar os seus

conselhos. Era necessário afastar o menino daquela situação, desviar a sua atenção para outras coisas. Resolveu tirar o filho da igreja, afastá-lo um pouco de lá, até que ele se tornasse maior, mais capaz de se libertar daquelas visões.

O menino chegou para almoçar e o pai o recebeu com repreensões. Não sabia ainda qual era a hora do almoço? O que andava fazendo lá fora? Mas Luizinho não ouvia e não ligava para aquela arenga. Tinha os olhos brilhantes, o peito arfante, estava ansioso para contar ao pai a estória do seu encontro com o anjo. O pai impressionou-se com o estado emotivo do filho. Fê-lo sentar-se ao seu lado, acariciou-o e começou a explicar-lhe que essas visões são comuns na infância, mas desaparecem com o crescimento.

– Então não quero crescer – disse Luizinho engolindo um bocado às pressas –. Eu quero ver sempre o anjo, ele é o meu anjo da guarda, é meu amigo. Me disse que só volta quando eu o chamar, pois não quer me assustar.

Aquela insistência do filho arrasava o coração materno. A mãe pensava que, se o filho queria, era porque o anjo tinha um mandato a cumprir, levar o menino para o outro mundo. Ela não suportou e fugiu em lágrimas para o quarto. O pai advertiu o menino:

– Viu como sua mãe está nervosa? Ela pensa que o anjo quer levar você para o Céu. Não conte mais essas coisas a ela, conte apenas a mim. Eu conheço esse problema, ela não conhece. Eu e você, ouviu, meu filho? Eu e você vamos resolver isso. Não ponha mulher no meio, elas são choronas e bobas, não entendem nada.

Aquilo, sim, dava força a Luizinho. Ele e o pai juntos. O pai já o considerava um homenzinho e ele não devia ter medo de anjos. Homem não tem medo de nada. Num ímpeto de entusiasmo disse, ao pai:

– Nós dois vamos pegar esse anjo. Compre uma gaiola, pai, para pormos ele na parede. Ninguém tem isso. Todo mundo só tem passarinhos, nós vamos ter um anjo na gaiola!

O pai sorriu e confirmou:

– Sim, meu filho, só nós teremos um anjo para mostrar a todos. E ensinaremos ele a cantar, se é que já não sabe as canções do Céu. Será um sucesso, meu filho. Mas não fique pensando nisso, nem fale disso a ninguém. Os anjos são muito ariscos. Se ele perceber o que queremos fazer, nunca mais voltará.

Luizinho ficou pensativo, seus olhinhos vivos se amorteceram, distanciando-se. O pai perguntou:

– O que é, você está preocupado?

Luizinho o encarou sério e disse:

– Ele é o meu anjo da guarda, pai. Se prendermos ele, como vai ser?

O pai sorriu, esparramou-lhe os cabelos, deu-lhe uma leve palmada:

– Vá chamar sua mãe lá no quarto, diga-lhe que já me vou.

A mulher entrou na sala pela mão do filho. Tinha os olhos vermelhos, mas parara de chorar. Limpava o nariz com o lenço molhado de lágrimas. Fez o menino despedir-se do pai e, enquanto ele corria de novo para fora, com sua espada de pau à cinta, a mulher murmurou ao marido, como em segredo:

– Fiz uma prece a Nossa Senhora, pedindo perdão por tirar Luizinho da igreja e suplicando que afaste esse anjo de nós. Será que não é pecado o que fiz?

O marido respondeu satisfeito:

– Pecado é deixar o menino encher a cabeça com essas caraminholas. Você pensa que os anjos não têm o que fazer?

A mulher o beijou na face e disse:

– Ah, querido, você não sabe nada das coisas do Céu. Os anjos são auxiliares de Deus. Quando Deus vai levar alguém para o Céu, manda o anjo da morte vir buscar. As crianças, por sua inocência, vêem o anjo chegar. É disso que eu tenho medo. Mas agora estou tranqüila. Nossa Senhora intercederá por nós junto do seu Filho Divino. Ela também é mãe.

Luizinho voltou para a casa de Nhá Zoza e foi procurar Elisa. Não viu mais no seu rosto a beleza que havia percebido. Sentiu-

se desapontado. Estava vendo coisas, como dizia o pai. Para tirar as dúvidas, correu para o quartel-general, sentou-se no banco e chamou o anjo. Uma lufada de vento na cobertura de folhas de mamona o fez estremecer. Mas o anjo não apareceu. Esperou meia hora, chamando o anjo, sem resultado. Então chegou Noir com os outros, todos devidamente armados com armas de pau, todas fabricadas pelo canivetinho afiado de Tio Totó, que armava e municiaava a tropa para a guerra.

2

A batalha

Nhá Zoza, alta e magra, de olhos piedosos no rosto moreno, contou o caso do anjo a Elisa, pedindo segredo. A menina enterneceu-se com a estória e seus olhos castanhos lacrimejaram. Ela não se conteve e contou a Noir. Este contou a Wash, seu primo, filho de Nhô Dito. Este, coroinha mais velho que Luizinho, foi contar ao Padre Tavares, mas o padre já sabia. Então, para não ficar com aquilo na garganta, contou a Mário Pavão, que se incumbiu de esparramar a novidade na tropa. Por isso, quando a tropa se reuniu no quartel-general, todos os guerreiros olhavam desconfiados de um lado para outro a qualquer sopro de vento. E quando Luizinho falou que, naquela tarde, a tropa tomaria o quartel-general do adversário, sob a proteção de Deus, ninguém duvidou. Todos compreenderam que Noé, o chefe inimigo, estava ao lado do Diabo.

A guerra havia começado quando Cristina, uma garota de cabelos loiros e longos, caindo nos ombros, de olhos castanhos, pele branca e pura, rostinho angélico, sorrira na porta da igreja para Noé. Aquele sorriso cortara o coração de Luizinho, que desafiara Noé com um olhar feroz. Noé, mais velho dois anos do que Luizinho, dissera a este:

– Não adianta, seu trouxa, ela gosta de homem e não de nenês.

Luizinho não respondeu, mas dali a pouco reunia os amigos e fundava o exército em *defesa cristiana*, para defender Cristina das garras do inimigo. A menina era inocente e Noé a fascinava com artes diabólicas. Bem dizia o Padre Tavares que o diabo andava à solta e tinha mil artimanhas para perder as almas dos filhos de Deus. Noé, sabendo disso, organizou também o seu exército e o seu quartel-general atrás da igreja, protegido por pés de mamona e montes de pedras e tijolos da construção que nunca se acabava, porque o Diabo não deixava os homens de dinheiro contribuir com o necessário para as obras da matriz.

Luizinho lembrou esses fatos diante da tropa no quintal de Nhá Zoza e mostrou a todos o bilhete que havia recebido de Cristina, em que ela dizia:

– Não briguem por minha causa que meu pai me baterá.

Luizinho provou à tropa que aquele bilhete não viera da amada, mas do seu rival. Conhecia a letra de Noé e a letrinha encantadora da menina. Essa farsa do adversário era um grave pecado, pois tentava separar dois filhos de Deus que se amavam com pureza. Tanto assim, que Deus enviara o anjo para protegê-lo, antes mesmo de ele perceber as manobras do demônio. Luizinho, soldado indisciplinado, que andava sempre descalço e sem armas, filho de pais protestantes, protestou:

– Não temos nada com essa briga por causa de namorada!

Mas não conseguiu dizer mais nada. Mário, o mais forte, o grandalhão da tropa, tapou-lhe a boca com sua mão de dedos grossos e o jogou fora da barraca. Luizinho, no mesmo instante, o expulsou da tropa em nome de Deus e do anjo. Luizinho xingou a todos, atirou uma pedra contra Mário sem acertar e foi correndo engajar-se na tropa adversária.

Na hora marcada, quando o sino da igreja bateu sonoramente as seis pancadas do *Angelus*, a tropa desfilou do quintal de Nhá Zoza para o quartel do demônio, mas foi recebida por uma saravada de mamonas verdes e duras, disparadas por uma bateria de estilingues.

O adversário dispunha de farta munição dos mamoneiros que cercavam o seu quartel. As frutinhas duras e ásperas, cobertas de pedúnculos moles, mas com pontinhas agressivas como espinhos, doíam na pele desprotegida do inimigo, que recuava e debandava. Luizinho pediu auxílio ao anjo e mandou a tropa abandonar as armas de pau e revidar com pedradas. A estratégia deu bom resultado. Pedregulhos e pedras obrigaram os inimigos a se recolherem em sua fortaleza, e como já houvesse alguns feridos que choravam e gritavam, o soldado Bertolino, que via tudo da porta da cadeia, ao lado da igreja, marchou contra os guerreiros e os pôs em debandada de ambos os lados. Fracassara a tentativa de derrotar o Diabo e os guerreiros tiveram de voltar

às suas casas, onde os pais e as mães faziam interrogatórios enérgicos e aplicavam o corretivo de cintas, chineladas e palmadas nos dois exércitos.



A guerrinha de Tróia fez cantar muitos galos.

Esse fim desastroso da batalha não abateu o ânimo de Luizinho e de seus comandados, que se consideravam vitoriosos. Luizinho agora estava certo do auxílio do anjo. Este lhe sugerira a mudança de tática que encurralara os inimigos, apesar de estarem estes prevenidos por Luizinho e de haverem conseguido armar as baterias de mamonas. Não fosse a intervenção de Bertolino e eles teriam removido os adversários de sua fortaleza e liquidado a pendência naquela tarde. Apesar disso, Luizinho temia voltar para casa. Seu pai não era de bater, mas bem podia lhe dar um castigo desmoralizante, como aquele de fazer que ele fosse pedir perdão a Noé e estender a mão ao traidor protestante. Sentiu-se em situação difícil e pediu proteção a Nhá Zozá, o que já era humilhante, pois Elisa ficaria sabendo disso e certamente contaria a Cristina na escola.

Pensou em chamar o anjo. Agora não teria mais medo. Mas lembrou-se do que a mãe lhe dissera tantas vezes: “Os anjos não

gostam de brigas, só gostam de meninos bons.” Ele queria salvar Cristina das garras de Noé, mas promovera uma guerra ao invés de confiar na proteção do anjo. O soldado Bertolino era um homem bom, um soldado pacífico, que todos queriam bem na cidade. E o pegara pelo braço, dizendo: “Luizinho, você é um menino de família boa e está fazendo uma coisa que envergonha seu pai e sua mãe. Isso não se faz. Uma pedrada pode quebrar a cabeça de um menino. Era isso que você queria fazer?”

A expressão do soldado era de censura e dó ao mesmo tempo. Bertolino sofrera com aquela batalha de que ele se vangloriava. Era bem capaz de o anjo o abandonar por isso, de nunca mais aparecer. Fugiu para o quartel-general e ali ficou sozinho, sem coragem de chamar o anjo. Elisa passou por perto e o viu lá, sentado no banco. Pôs a cabeça na portinha de taquaras e disse, sorrindo:

– Está esperando o anjo?

Ela se foi sorrindo, mas deixou no ar o reflexo dos seus olhos, dos seus cabelos castanhos, do seu rostinho levemente sardento e o som da sua voz feminina. Teve vontade de sair correndo e chamá-la para conversar com ele. Só ao pensar nisso seu rosto se avermelhou, sentiu o coração bater acelerado e desejou a menina para casar. Aquilo era um pecado, era um crime.

Um impulso viril o dominou e escondeu-se no fundo da barraca, procurando alívio na oração. Realizado o ato de penitência, pensou no que o Padre Tavares lhe dissera dias antes no confessionário: “Isso é amor pela carne insuflado por Satanás.” Persignou-se mas arrependeu-se de fazê-lo. Não estava em condições de fazer o sinal da cruz. Era um réprobo aos olhos de Deus, um menino pecador.

Começou a chorar e todo o seu corpo tremia. Como tivera coragem de pensar aquilo com Elisa, que era como sua irmã? E como pudera admitir que a lembrança de Cristina também surgisse naquele momento: ora era Elisa, ora era Cristina... Parou de chorar e começou a estapear o próprio rosto. Era um canalha, um indigno e só merecia ser preso por Bertolino, passar pelo menos três dias e três noites na cela da cadeia, algemado ou com

as mãos amarradas. Não, aquilo não podia ficar assim, sem punição.

Saiu correndo do esconderijo e foi para casa. Não havia ninguém, a mãe certamente saíra para a casa dos Cafundó. Entrou no seu quarto e viu que o quadro de sua primeira comunhão não estava mais na parede. Sentiu-se abandonado e condenado. Correu para o quintal, procurou no mato dos fundos um pé de urtiga, apanhou uma folha com cuidado e voltou com ela para o quarto. Precisava castigar-se. Com uma tira de pano, amarrou a folha de urtiga na perna e seus olhos lacrimejaram. A urtiga o queimava, mas ele tinha de suportar o castigo. Era a única maneira de limpar-se de tanta sujeira.

Não agüentou por muito tempo aquele suplício. Desamarrou a perna e tirou a urtiga, mas a queimação continuava. Como iria explicar à mãe e ao pai o que fizera? Se tivesse um remédio para passar, alguma coisa! Mas não tinha nada e nem sabia o que poderia ajudá-lo. Quando ouviu o ruído da mãe, que chegava, correu para ela e mostrou-lhe a perna avermelhada. Contou-lhe uma estória estranha, de que ela duvidou. Pegando-o pelo braço, levou-o a Nhá Marica e Nhô João Cafundó, que o socorreu com paciência caipira, limpando o local afetado e umedecendo-o com um líquido que ele nunca soube o que era, sumo de alguma fruta ou erva.

Quando se sentiu mais aliviado, foi à igreja procurar o padre Tavares. O Padre terminara de fazer um batizado, ajudado por Wash. Levou-o para a sacristia, mandou o coroinha embora e conversou com ele. Mas ao invés de aconselhá-lo, riu a valer com a estória e lhe disse:

– Vais pegar o teu com o anjo.

O sotaque português do padre soava como a voz de Deus.

– Pensar que Deus permite aos seus anjos aparecer a meninos descarados? Vai ajoelhar-te no altar e rezar trinta padre-nossos e trinta ave-marias para que Deus te perdoe. E olha cá, mandrião, não peques mais!

“É reza demais”, pensou ele. Já havia rezado, castigara-se com a urtiga que continuava a amolá-lo na perna, pedira perdão a

Deus e tremera de medo do anjo. Foi ao altar, ajoelhou-se contrito, fez um padre-nosso e pediu a São Sebastião, que se estorcia no altar com as flechas nas costelas:

– Por piedade, meu santo, multiplique essa prece por trinta.

Rezou a ave-maria no altar de Nossa Senhora das Dores e pediu à Mãe Divina que fizesse a mesma multiplicação. Nossa Senhora, fonte de sabedoria, fazia essas contas com facilidade e perdoava os pecados sem muita exigência, pois era mãe. Saiu do altar aliviado e voltou para casa.

Não tinha coragem de procurar Noir, depois do que pensara de Elisa. Não poderia olhar para os olhos bons de Nhá Zoza. Não queria também enfrentar a mãe. Como era duro fazer coisas erradas. Não faria mais. Dali por diante, nada errado. Tinha de reencontrar o seu anjo da guarda. “Os anjos são muito ariscos”, dissera ao pai. Mas ele sabia que o anjo o conhecia bem, sabia que aquilo fora uma tentação do Diabo e viria protegê-lo para que ele não caísse noutra.

Uf, que batalha! A noite caía e ele estava cansado. A mãe o chamou para o banho. Sim, isso era bom. Ele estava suado, fazia calor e o suor lhe escorria pelo pescoço, pela testa, empapava-lhe a camisa nas costas e em baixo dos braços. O banho era de bacião. A mãe esquentara a água no fogão de lenha. Ele ficara um tempão vendo as chamas lamberem o fundo do caldeirão e pensando nos caldeirões do inferno. Sentia um medo fino e frio escorrer-lhe por dentro.

Quando a água ferveu a mãe levou o caldeirão para o quarto de banho, de chão cimentado. Despejou a água no bacião e foi buscar água fria para temperar o banho. Luizinho despiu-se e mergulhou no bacião. A água morna o envolvia voluptuosamente. Ele deitou-se no bacião acariciando-se a si mesmo. Súbito, sentiu uma ereção. Sentou-se, pegou o sabão de cinza feito de dequada e a bucha com que esfregaria a pele. Sentia-se limpar por fora e por dentro. Era delicioso o banho de bacião, quando o demônio não punha o seu rabo na água.

Levantou-se renovado e enxugou-se com a toalha felpuda. Contemplou-se nu no espelho da porta do guarda-roupa. Via-se

de corpo inteiro e tinha vontade de abraçar-se. Narciso saía da água sem temer o diabo. Só então compreendeu, vagamente, que havia vencido a batalha de todo um dia. Vestiu-se para ir à igreja.

3

Amanhecer

O menino acordou quando o pai entrou no quarto para dar-lhe o beijo habitual da manhã. Não sonhara com o anjo e este não aparecera para os seus vãos, sempre anteriores ao aparecimento do pai. José Luís, homem de estatura mediana, sempre barbeado, moreno de olhos e cabelos pretos, vestia-se com elegância discreta. O menino admirava o botão de pérola que lhe marcava a gravata, naquela manhã azul-escura, pouco acima do recorte do colete. Tinha um escritório de contabilidade que se incumbia da escrita de várias firmas comerciais e propriedades agrícolas.

Ao invés de beijar o menino na testa e desejar-lhe um bom dia, sentou-se na beira da cama, passou a mão pelos cabelos eriçados do garoto e disse:

– Você está ficando muito peralta, meu filho. O Bertolino me contou as suas peraltices de ontem. Não quero que isso se repita. Veja o quadro do anjo: desapareceu. Nem eu, nem sua mãe sabemos que fim levou. É só. Não preciso dizer mais nada.

Curvou-se sobre ele, deu-lhe um beijo costumeiro e partiu.

Luizinho tinha os olhos cheios de lágrimas e o pai o percebera. Por isso não dissera mais nada. Sabia que o menino o amava e o que fizera valia mais do que uma reprimenda. Saiu pensando: “Luizinho é um menino precoce e preciso tratá-lo com prudência. Parece um homenzinho, mas tem de fazer as suas peraltices (sorriu). Essa estória do anjo mostra que a sua imaginação é criadora. Se Isabel deixar de tolices e me ajudar, esse anjo será um bom instrumento para controlarmos o garoto.”

Isabel era a mãe. Loira e bonita, de olhos azuis, parecia mais alta que o marido, mas era um pouco mais baixa. Luizinho a considerava uma santa, embora aquele azul dos olhos nem sempre estivesse em paz. Volta e meia era cortado por relâmpagos ameaçadores. Mas assim mesmo ele pensava: “Mamãe é uma santa e por isso trouxe do Céu o meu anjo da guarda para morar em nossa casa.” Correu os olhos pelo quarto e

perguntou a si mesmo: “Onde será que ela arranhou lugar para o anjo?” Viu o alçapão do teto de madeira pintado de azul e pensou: “Deve ser lá em cima. É lá que está o quarto do anjo, pintado de azul para parecer um pedaço do Céu. Um dia...”

A mãe entrou no quarto e o fez levantar-se:

– Já está passando da hora, meu filho. Arrume-se depressa para ir à escola. Não perca tempo.

Atirou as roupas na cama e disse:

– Vista-se direito, penteie esses cabelos, tome o seu café com leite, pão e manteiga, veja se não falta nada na bolsa e vá para a escola. Eu tenho de ir tratar de um assunto com a Ciloca. E depois da escola volte para casa, não me invente mais peraltices como as de ontem, que me envergonharam. Viu?

Nesse “viu” o relâmpago avermelhou o azul dos seus olhos. Mas Luizinho não teve medo. Sabia que ela andava com medo de que o anjo o levasse para o Céu.

“Por onde anda esse diabo de anjo – disse Luizinho e deu um tapa na boca –. Afinal de contas, eu não fiz nada demais. Tenho de livrar Cristina das garras de Noé. Prefiro que o anjo dê o fora do que Cristina me mandar às traças”.

Estava gabola e alegre, pois tudo lhe correra bem. Enquanto os seus soldados haviam levado lambadas de vara de marmelo, cintadas e chineladas, ele ouvira palavras amigas do pai, a mãe lhe dera roupa limpa e passada para enfrentar a garota com elegância. O céu de Itaí estava azul, de um azul brilhante que lhe doía na vista, com flocos de nuvens brancas flutuando no alto.

Um bando de pombas brancas e azuis passou voando e ele procurou o anjo entre elas. Era engraçado aquele anjo (sorriu), amuava como criança magoada e se enfurnava no quarto. Se ele tivesse asas como o anjo não perderia uma manhã como aquela, de Sol doirado, e iria se divertir com as pombas. As pombas fogem de gaviões, mas não haviam de fugir de anjos. E como devia ser gostoso brincar com elas naquele céu tão azul, com nuvens tão brancas! O anjo bem podia sentar-se numa nuvem ou deitar-se naquela nuvem comprida e deixar que o vento o levasse de um lado para outro.

Pensando nessas coisas, Luizinho sentia o peso da bolsa escolar que lhe batia na perna direita. Aproveitava a aspereza do couro para coçar a perna esfregando-a na beira do fundo da bolsa. Passou-a para a mão esquerda e pensou: “Como está pesada! Livro de leitura, de matemática, de geografia, cadernos, estojo de lápis, lanche para o recreio... Que diabo, até parece que vou viajar para longe.” Ao chegar na escola viu Cristina que também chegava no portão das meninas. Correu para ela, que o recebeu de cara fechada:

– Muito bonito o que você me fez! – os lábios da menina tremiam e os olhos fulguravam – Muito bonito! Mamãe está furiosa comigo. Toda a cidade comenta a brigalhada de vocês por minha causa. Muito bonito, não?

Deu-lhe as costas e correu entrando no pátio das meninas. Estas a cercaram e ele viu de longe que todas riam e falavam da batalha que ela provocara. Cristina ria de mau gosto e às vezes enxugava os olhos com o lençinho amarrotado na mão. Luizinho sentia-se arrasado. Havia provocado um escândalo que todo mundo comentaria por muito tempo. Pobre Cristina! “Não há motivo para escândalo, Cristina, o Luizinho te deu a chance de mostrar que os rapazes te adoram!” Isso o alegrou. Ele enfunou o peito e entrou correndo pelo portão dos meninos, para não perder a fila controlada pelo servente. Entravam todos em fila para as classes.

Findo o período de aulas, quando a sineta deu o sinal de saída, o Professor José de Oliveira o chamou. A classe saía em fila. O professor era um homenzarrão, de mãos largas e pesadas. Mas as suas mãos não pesavam sobre os alunos. Ele usava um método especial para castigar os insubordinados. Passeava de um lado para outro da sala e, de repente, pegava o indisciplinado pelos cabelinhos da fonte. Luizinho olhava as mãos enormes e avermelhadas do mestre, mas atentava especialmente para aqueles dedos grossos que, não sabia como, pegavam com tanta agilidade os cabelinhos finos e curtos. Instintivamente coçou os lados da cabeça e o professor sorriu:

– Você bem que merecia, Luiz – disse o mestre –, mas não vou pinçar os seus cabelinhos. Quero apenas avisar-lhe que o Professor Walter está à sua espera na Diretoria.

O menino pegou sua pasta e saiu apressado. O Professor Walter era o diretor da escola. Tranquilo e delicado, fez o menino sentar-se e explicou-lhe com voz mansa, que aquelas peraltices perigosas podiam valer-lhe uma expulsão da escola. Luizinho pediu desculpas, prometeu não promover novas batalhas, mas saiu convicto de que o pai havia encomendado o sermão. O Professor Walter não era de se meter por conta própria nessas enrascadas. Mas saiu envergonhado. Nunca havia sido chamado à Diretoria e aquilo lhe tirava a possibilidade de vangloriar-se de seu bom comportamento. Era o Diabo! A glória da batalha o pusera em maus lençóis. Cristina estava furiosa com ele, a ingrata. A turma de Noé queria pegá-lo na primeira oportunidade. Os seus bravos comandados o culpavam pelas surras que haviam levado em casa. O anjo estava lhe fazendo pirraça. A mãe não pensava mais que ele ia morrer e o tratava com certa dureza. Noir lhe disse:

– É melhor suspendermos as operações de guerra por algum tempo. Vamos transformar o quartel-general num circo.

Fizeram isso naquela mesma tarde. O pai os estimulou e ofereceu-lhes o texto de uma pantomima. Tatim Cafundó ofereceu-se para ensaiá-los. Nhá Zoza e a mãe se incumbiram de arranjar as vestimentas e os disfarces de bigodes, barbas e cabeleiras postiças do personagem. Noé foi ver o circo e fez as pazes com Luizinho. Mas apesar de tudo isso, o anjo continuava amuado. Nem o seu quadro voltava para a parede do quarto.

Passaram-se dias nos preparativos da estréia e tudo corria da melhor maneira possível, entre sorrisos e brincadeiras. A estréia foi um sucesso. Até o soldado Bertolino apareceu e se pôs a auxiliar o espetáculo, colocando-se à entrada. Luizinho brilhara na interpretação do papel principal e todos os demais figurantes mereceram os elogios recebidos. Mas no dia seguinte choveram as reclamações das mães. Todos os garotos que foram ao circo estavam sem botões nos paletós, e alguns até mesmo nas calças. Vários deles haviam rasgado as roupas para arrancar os botões,

que eram as únicas moedas válidas para comprar entradas. A idéia dessa forma de pagamento surgira na cabeça criadora de Luizinho e ele se divertia com o bom êxito obtido. Sobre a mesa de jantar de Nhá zozá estava uma caixa de sapatos cheia de botões de todas as cores e tamanhos.

– Não tinha outro jeito – explicava Luizinho –. Precisamos de capital para continuar com o circo. A molecada não tinha dinheiro. O jeito era esse. Agora, todos podem vir buscar os seus botões, pagando duzentos réis por cada um.

Bertolino deu razão ao menino e sua autoridade valeu. Ele mesmo ordenou as filas de compradores de botões.

Só uma coisa preocupava o soldado. Luizinho e Noir estavam muito alegres, andavam cochichando e rindo baixinho de um lado para outro. O que estariam tramando? E, de repente, surgiu na fila, tomando o lugar da frente sob protestos dos prejudicados, a mãe de Cristina, que exigia a devolução das abotoaduras de ouro, do casaquinho de seda da filha. Ninguém achava as abotoaduras na caixa de botões. A mulher esbravejava. Falava em roubo e pedia providências ao Bertolino, que não sabia como se sair da enrascada. Mas, de repente, Cristina surgiu, sorridente, com uma caixinha embrulhada em papel doirado. Acomodada em algodão, as abotoaduras de ouro cintilavam. Um cartãozinho branco, escrito com a letra miúda e redonda de Luizinho, desvendava o mistério:

“Para Cristina, com os agradecimentos da Companhia Circense, pela honra da sua preferência, com toda a admiração e amor do seu vassalo. (a) Luizinho, diretor e ator principal.”

A gargalhada geral foi suspensa pelos gritos de Dona Constância, mãe da menina, que não admitia a palavra *amor* no cartão e exigia que o atrevido moleque a riscasse na frente de todos. Luizinho empombou. Cristina começou a chorar. O menino dizia que não podia riscar ou apagar uma verdade. E saiu por uma tangente que todos tiveram de aceitar. O bilhete não era dele, pessoal, e não revelava o seu amor por Cristina, mas o amor que todos os membros da Companhia Circense lhe devotavam.

Quem, a essa altura, já estava furiosa, era Dona Isabel. Relâmpagos de fogo cortavam e recortavam a palidez dos seus olhos azuis. Tatim resolveu intervir e conseguiu levar Isabel para casa. Mas, antes de retirar-se, a mãe de Luizinho declarou, em alto e bom som, para que todos pudessem ouvir, que seu filho era uma criatura de fino trato a gastar a sua fineza com gente grossa. Se Nhá Zoza não segurasse Dona Constância pelo braço e a fizesse entrar em sua casa, Bertolino não sabia que atitude tomar. Sua autoridade, afinal, era apenas a de um soldado.

O episódio dos botões deixara Isabel preocupada. À noite ela contou tudo ao marido, longe do filho.

– Não sei o que pensar de Luizinho – dizia –. Fiquei aturdido com essa estória. Você não acha, Zé Luís, que ele está passando da conta?

O marido ria de lacrimejar e respondia:

– Garanto que o Padre Tavares vai se esborrachar de rir e dar uma penitência pesada a esse artista circense. E você deve ficar alegre. Nenhum anjo vai querer levar esse Pedro Malasartes para o Céu.

Estávamos assistindo ao amanhecer de uma vida.

4

Meio-dia

O menino chegou da escola indignado. Laizinho esparramara que ele havia roubado as abotoaduras de ouro de Cristina. Essas abotoaduras eram famosas. A menina as ganhara de um tio rico de Avaré, que costumava visitar o irmão, em Itaí, num automóvel americano de tipo lancha que, segundo diziam as línguas de cascavel, atravessava o Paranapanema sem precisar de balsa nem de ponte. Quem via as abotoaduras nos pulsos de Cristina via também o automóvel comprido e solene e a riqueza que ele simbolizava. Por isso, as abotoaduras eram uma espécie de anúncio do paraíso. As comadres diziam que quem casasse com aquelas abotoaduras iria para o Céu no automóvel voador, tendo Cristina ao lado.

O tio era solteirão e adorava a sobrinha, dizendo sempre que era a sua única herdeira. O menino não queria saber disso. Gostava de Cristina em si mesma e nunca se interessara pelas abotoaduras ou pelo carro luxuoso. As abotoaduras foram parar na caixa de botões porque Cristina não quisera arrancar nenhum dos seus botões para comprar entradas para ela e cinco coleguinhas. Noir foi quem recebeu as abotoaduras da menina. E quando Luizinho soube da estória, disse ao companheiro:

– Vamos cobrar mais caro esses botões de ouro. Quando viu o barulho armado pela mãe da menina lembrou-se de fazer uma devolução galante. Era uma oportunidade única para mostrar à garota que realmente a amava.

A intriga de Laizinho o ferira fundo. Mas não se entregou ao choro nem pensara em vingança. Na verdade, Laizinho era quem estava se vingando dele, pela expulsão do exército.

De repente sentiu-se alegre. Laizinho jogava futebol no campinho do Manolo, ao lado da casa de Nhá Zoza. Convidou Noir para irem assistir a partida do meio-dia, entre o Clube da Bica, a que Laizinho pertencia, e o Clube dos pés de ferro. O Sol a pino torrava a cidadezinha. Os mamoeiros arcavam cansados, de ramos e folhas vergados para o chão. Mas as partidas do

meio-dia eram feitas de propósito, para medir a resistência dos jogadores.

A torcida gozava da proteção das árvores que cercavam o campo. Quanto mais quente o Sol, mais fresca a sombra das árvores. Luizinho e Noir sentaram-se nas raízes de uma árvore ramalhuda e ficaram torcendo por Laizinho. O jogo terminou com a vitória da turma da Bica por 5 a 0. Laizinho fizera dois gols. Os jogadores dos dois times e respectivas torcidas, como era costume, correram, suando em bica, para a sombra da árvore ramalhuda. Todos comentavam: “O time da Bica tinha mesmo de vencer”, pois agora se vê que eram todos da bica. Zé do Gole distribuía a caninha da vitória. Avisou que os meninos não podiam beber, só os mais velhos. Luizinho aproveitou a deixa:

– Eu e Noir só queremos prestar uma homenagem a Laizinho, o rapazinho de olhos desconfiados.

Luizinho tirou do bolso um pequeno pacote. Rasgou o papel de embrulho e ofereceu a Laizinho uma caixinha doirada. Laizinho disse:

– Isto é brincadeira.

Mas Luizinho e Noir estavam sérios:

– Não é não – disse Luizinho, é coisa séria.

Laizinho abriu a caixinha e lá estavam, entre tufo de algodão, duas abotoaduras feitas de mamona madura, secas e ásperas. Pendurado nelas um cartãozinho escrito: “Não tendo línguas de cobra, oferecemos mamona seca ao linguarudo.” Laizinho leu e o sangue lhe subiu ao rosto. Compreendeu tudo. Teve ímpetos de saltar sobre os dois, mas eles riam tão angelicais... Correu os olhos em redor. Era melhor levar a coisa em brincadeira. Mostrou a todos as abotoaduras, escondendo o cartãozinho. Explodiram as gargalhadas. “Esse menino é um caso!”, diziam todos. E a estória das abotoaduras de mamona seca se espalhou na cidade.

Luizinho voltou para casa satisfeito. Tirara a desforra que desejava. Nunca mais Laizinho se esqueceria daquela caixinha doirada que lembrava ao mesmo tempo a traição na guerra e a perfídia na paz.

Voltaram do campo sob o incêndio solar. O ar tremia nas oscilações das camadas gasosas produzidas pelo calor. A relva, as folhagens, as pedras, tudo fulgurava retratando os raios luminosos. O suor lhes escorria pelo corpo, empapava as roupas. Moleques descalços atravessavam as ruas aos pulos, porque a terra e as pedras queimavam.

Entraram em casa esbaforidos. Lavaram o rosto, o pescoço e os braços, apenas para aliviar os efeitos do calor. Não adiantaria tomar banho enquanto o Sol continuasse no Céu, despejando sobre a Terra os seus raios caloríficos. Isabel preparou-lhes duas jarras de limonada com pedras de gelo. Sentaram-se na sala e ali ficaram bebericando e esperando os ventos da tarde. O Sol já caía na direção do poente, mas em plena calma. Nem uma folha se movia nas árvores imobilizadas pelo calor. A sombra da casa aliviava o calor.

Quando se sentiram aliviados saíram para o quintal. Correram para a sombra do bambual, nos fundos do comprido quintal, para ver os gansos que o pai havia recebido para a piscina ainda em construção. Encontraram os gansos reunidos na sombra fresca do bambual. No meio deles, uma ave estranha: o anjo calmamente sentado no banco de tábuas, as pontas brancas das asas aparecendo em baixo do banco. Noir parou assustado e quis retroceder. Luizinho o segurou pelo braço, dizendo:

– Não tenha medo, é um anjo, o meu anjo da guarda. É uma graça poder vê-lo. Venha comigo.

O anjo sorria. Luizinho aproximou-se e beijou-lhe a mão. Noir o imitou, mas tremia de estranha emoção. O anjo se levantou. Era da estatura deles e parecia da mesma idade que eles. Luizinho iniciou a conversa.

– Meu anjo da guarda, porque você me abandonou nesses dias? Andei fazendo tolices, errei muito. Se o magoei, perdoe-me. Quero ver sempre você ao meu lado.

Noir não dizia uma palavra, parecia encantado, estupefato.

– Não sou seu anjo da guarda – respondeu o anjo a Luizinho. Sou apenas um anjo que gosta de você, que é seu amigo. O seu Anjo Guardiã continua invisível para os seus olhos. Eu também

já estava com saudade de falar com você, Luiz, mas tenho o que fazer e devo obedecer os superiores. Sou um anjo-criança, já lhe disse, lembra-se? Vou lhe ensinar uma coisa que você não aprende na escola. Olhe esses gansos. Eles são diferentes de você. Não falam, são aves, como vocês dizem, pertencem ao reino animal. Acima desse reino existe aquele a que você e Noir pertencem, o reino hominal ou dos homens, a humanidade. Mas acima do reino humano existe outro, o reino angélico, a que eu pertencço. Compreende? A natureza é muito maior e mais rica do que vocês pensam. Acima do nosso reino, o angélico, que vocês mesmos já denominaram, em sua linguagem, de Angelitude, existem ainda outros reinos, formados por criaturas superiores.

O anjo silenciou, encarou Noir e disse-lhe:

– Vocês se assustam quando nos vêem, porque estão acostumados a nos considerar como seres sobrenaturais. Nada disso, Noir. Todos somos irmãos, filhos de um mesmo pai, que é Deus. Somos todos criaturas de Deus, desde a minhoca e o verme até o homem e o anjo.

– Mas vocês não vivem na Terra – disse Luizinho –, vocês vivem no Céu. Isso nos separa não é?

– Tanto não é – respondeu o anjo, sorrindo – que estamos aqui conversando. Vocês pensam que não vivem no Céu, pois estão na Terra. Mas onde a Terra está? Vocês aprendem na escola que a Terra é uma esfera, uma bola que gira sem cessar em torno do Sol. E o Sol é uma bola maior, em torno da qual a bola Terra gira. Mas gira onde? No Céu, meus meninos, pois tudo existe no Universo, que é o Infinito. Vivemos todos no Céu, só que uns apegados à Terra, como vocês, outros dentro da Terra, como certos animais, outros na atmosfera da Terra e outros em outros mundos que circulam muito além da Terra.

– Você veio aqui para nos ensinar isso? – perguntou Luizinho.

– Não – respondeu o anjo –; já lhe disse que venho porque gosto de você. Quando você ainda não havia nascido, fomos amigos no mundo espiritual, como todos os espíritos ou almas,

compreende? Às vezes tenho saudades de você e venho vê-lo. Tudo tão simples, não é?

– E eu – disse Noir com voz trêmula – também já vivi no mundo espiritual?

– Claro que sim – respondeu o anjo –. Todos os que estão na Terra vieram para cá do mundo espiritual.

– Não nos conhecemos nesse mundo? – perguntou Noir.

– Sim, nos conhecemos e brincamos juntos. Mas eu não sabia onde encontrar você. Agora que o encontrei, vamos ser amigos de novo. Não quer? Não quer que eu o visite de vez em quando?

– Não – disse Noir, trêmulo e em voz insegura –. Tenho medo.

– Pois então faremos como eu fiz com Luizinho. Só irei ver você quando quiser e me chamar.

Um ganso bateu as asas com força. Luizinho e Noir olharam para o lado do barulho. Foi apenas um segundo. Mas quando voltaram a olhar para o banco, o anjo havia desaparecido. Nem sequer o sinal dos seus pés ficaram na terra úmida do bambual.

– Com este Sol! – disse Noir – E aqui na ponta do nosso nariz! Não, Luizinho, não pode ser! Foi alguma ilusão. O Sol estava tão forte que deve ter produzido alguma tonteira em nós.

– Mas você não falou com o anjo? – perguntou Luizinho.

– Falei, como você também falou. E daí? A gente fala sozinho e fala até com um pé de milho, com a sombra da gente.

– Quer dizer que você viu o anjo, pegou nele, beijou-lhe a mão, falou com ele e não acredita em nada disso?

– Não é bem isso – disse Noir em dúvida –; sei lá o que é, isso me deixa atrapalhado. Não pode ser. Estou com tremor nas pernas. Vamos tomar um café, falar com sua mãe...

Correram para a cozinha. Isabel notou a palidez de Noir. Perguntava o que havia acontecido e nenhum deles respondia. Deu-lhes café, que estava quente.

– Vimos o anjo – disse Noir com voz cansada.

– Você também? – perguntou Isabel.

Os dois começaram a relatar os fatos. Isabel os olhava incrédula. Pensava se eles não haviam combinado de lhe pregar uma peça. mas o estado de Noir não deixava dúvida de que algo de estranho acontecera.

– A senhora já viu esse anjo? – perguntou Noir.

– Não, meu filho, nem eu nem Zé Luís. Só Luizinho o tem visto e conversado com ele. Mas do jeito que vocês falam a coisa agora foi diferente. Vocês dois o viram juntos e conversaram com ele a três.

– Mas nós estávamos muito cansados com o calor. Muita soalheira. O meio-dia de verão... Não dizem que os árabes vêm até oásis no deserto quando tomam Sol demais?

– Mas então porque você continua tremendo? – perguntou Isabel.

– Sei lá – respondeu Noir –. Como vou saber? Ainda estou tonto, a vista confusa. Acho que vi o que não vi. Se me contassem uma coisa dessas eu não acreditava. Por que vou acreditar no que falo? A gente fala até sozinho.

– Ele prometeu voltar para você se você o chamar.

– E eu lá vou chamar!?

Um bando de pombas passou tatalando pela porta do quintal.

5

Anoitecer

Os ventos do crepúsculo surgiram carregados de asas. Tocavam revoadas de pombas e corvos negros, bandos de andorinhas velozes, gaviões esparsos, marginais do céu, que pairavam de asas abertas e imóveis nas tocaias de nuvens, rolinhas e corruiras em fuga, patos selvagens, de peitos redondos, que mais pareciam rolar do que voar na esteira do poente. O cenário celeste era a coivara do Sol, com seus últimos lampejos de fogo entre montanhas de cinza. O disco solar reduzira-se a uma brasa amortecida no horizonte encarvoado.

Os dois meninos assistiam, da porta da cozinha, o apagar do dia. O bambual dos gansos agitava em vão os seus pendões verdes em mastros amarelos. Pouco a pouco a vida se escoava pelas frestas do mundo. Onde estavam os anjos e os homens? E quando a escuridão se fechou sobre o cenário, uma estrela brilhou sobre o bambual. Depois, outras começaram a surgir, num faiscar disperso de prata espatifada. Nas ruas próximas acendiam-se lâmpadas amarelas, luzes escleróticas da Terra.

Isabel acendeu as lâmpadas da cozinha, da sala, dos terraços. E a voz grave do pai rompeu o silêncio anunciando a sua chegada. Com ele a vida ressuscitava, os meninos rompiam a hipnose do anoitecer e Isabel trazia os pratos do jantar para a mesa, como se nada houvesse acontecido.

Luizinho correu para o pai e o abraçou, sentou-se no seu colo. Era insignificante, uma projeção minúscula do espírito atrevido que o agitara durante o dia e o levava a enfrentar com naturalidade a aparição do anjo. Noir, em pé junto à mesa, contava a Zé Luís sua conversa com o anjo e como tocara com suas mãos aquelas asas compridas e fortes. O pai fazia brincadeiras a respeito do caso e perguntava aos meninos:

– Por que não arrancaram umas penas do anjo para a gente ver e examinar? Lá no mundo dos anjos tudo pode ser blá-blá-blá, mas aqui, no mundo dos homens, temos de possuir provas concretas.

Noir achou boa a idéia. Prometeu que ia chamar o anjo e se ele o atendesse lhe arrancaria umas penas. Luizinho perguntou ao pai:

– E se as penas do anjo forem iguais às penas de ganso? O senhor vai dizer que arrancamos elas dos gansos.

A mãe deu um grito e apontou para a porta:

– O anjo! Eu vi! Ele pôs a cabeça na porta, estava nos escutando!

O pai e os meninos correram para lá. Os três viram um vulto branco correndo para o bambual. Correram atrás, mas o vulto desapareceu. Voltaram para a sala. A mãe não saíra do lugar. Estava ali, na mesma posição. E explicou:

– Fiquei rezando. Com essas coisas não se deve brincar. Se é mesmo um anjo, temos de tratá-lo com muito respeito, agradecendo a Deus a graça que nos concedeu. Na Bíblia há vários relatos de aparecimento de anjos. O anjo que apareceu a Tobias era de carne e osso, comia e bebia e ficou vários dias com ele. Eu não sou beata, não sou dessas carolas que acreditam em tudo, mas acho que os anjos podem aparecer e conversar com a gente.

– O que você viu aí na porta – disse o pai – pode ser um desses ladrõezinhos que andam por aí roubando coisas. Ele correu para os bambus para esconder-se. Com esse escuro da noite, basta ele ficar quieto para a gente não poder descobri-lo. Vocês se impressionaram com essa estória do anjo e agora começam a vê-lo por toda parte.

– Nós o vimos com o Sol quente – disse Noir – e tínhamos vindo do campinho tomando Sol na cabeça. Eu penso que pode ter sido uma coisa produzida pelo calor, que estava demais.

A mãe desanuviou a fronte e começou a sorrir. Tinha vontade de contestar o pai e Noir. Ela sabia onde Noir aprendera aquela estória de alucinação por efeito solar. Era uma das teses do Padre Tavares, que também lutava para desfazer a estória do anjo. O padre acrescentava que, se um anjo tivesse de aparecer, seria na igreja, para ele ou para o sacristão. Como um soldado de fora que, chegando na cidade, ia primeiro procurar a cadeia. Mas a

mãe se calou porque sabia que o pai desejava aliviar o estado de tensão dos meninos.

Noir foi embora para casa, pois já estava ficando tarde. O pai e a mãe ficaram conversando na cozinha, a porta aberta para que os ventos da noite refrescassem a casa. Luizinho foi dormir. Tinha de levantar cedo para ir à escola. Deitou-se e ficou virando na cama. Excitado, não pregava os olhos. Vigia o alçapão do forro do quarto, pelo qual achava que o anjo entrava. E de ouvido atento, lutava por ouvir a conversa dos pais. Prevenindo isso, os pais falavam em voz alta sobre outros assuntos. Já cansado da soalheira e das correrias do dia, o menino dormiu.

A conversa dos pais continuou pela noite adentro. Da sala a que passaram quando a escuridão se tornou mais densa, eles podiam ouvir o ressonar do menino e as palavras e expressões esparsas que pronunciava de vez em quando. Seu sono não era tranqüilo. Ora falava da escola, ora do cirquinho, de Cristina, do soldado Bertolino e do anjo. Zé Luís estranhou que o anjo fosse o que menos aparecia no seu palavrear. Segundo a sua tese, devia ser o mais lembrado. Apelou para uma saída psicológica: a maneira por que ele, pai, enjeitava a existência do anjo influíra na censura inconsciente do menino. Por isso, no sono controlado pela censura, o anjo era substituído por Cristina e pelo Bertolino.

Mas, de repente, o menino surgiu descalço na sala. Passou pelos pais como se não os visse e foi direto à despensa. A mãe o chamou e ele não ouviu. O pai a aconselhou a ficar em silêncio e foi atrás do menino, pé ante pé.

Luizinho pegou a escada de madeira e a levou para a sala. Em estado normal ele pediria ajuda. Era um caso evidente de sonambulismo. Levou a escada para o quarto e conseguiu ajeitá-la contra a parede. Quando tentava subir por ela, o pai o chamou, segurando-o, e ele voltou a si assustado.

A mãe o fez tomar água açucarada e o levou de volta para a cama, fazendo-o dormir de novo. A intenção sonambúlica era clara. Luizinho queria subir ao alçapão do forro, pois acreditava que o anjo morava lá, num apartamento secreto.



Luizinho queria ver o aposento do anjo no alçapão do forro.

– A noite tem os seus sortilégios – disse o pai – que, na maioria, são de ordem onírica, ligados ao plano mágico do sonho ou de ordem sonambúlica, ligado aos mecanismos da atividade muscular inconsciente.

A mãe sorria daquelas explicações do marido.

– Quem ouvir isso pensará que você é psicólogo e não contador.

Zé Luís concordou:

– Essa é uma das minhas frustrações. Cheguei a fazer o primeiro ano de Psicologia, mas meu pai me forçou a fazer ciências contábeis por motivos práticos. Agora, com esse caso do anjo, vejo que a minha intuição era mais certa. Um bom conhecimento psicológico me ajudaria a conduzir melhor o problema do nosso filho.

Pouco depois, começou a ventar forte. Zé Luís abriu a porta da cozinha e o vento entrou arrancando a folhinha da parede, derrubando o pequeno vaso de flores de uma cantoneira, que ao cair espatifou-se, pois era de porcelana, e jogando ao chão os papéis da mesa. Zé Luís fechou a porta com dificuldade, depois de lançar os olhos ao céu negro. As árvores estavam agitadas e o bambual delirava na noite. Era uma ventania de chuva, pois pela porta entraram salpicos de água fria, que lhe molharam o rosto e as mãos. Logo ouviu-se o ribombar de trovões e dois raios estalaram na torre da igreja, num ruído de ferros que se

chocassem. Era a típica tempestade itaiense, com ventania, aguaceiro e trovoada com raios assustadores.

Com toda aquela barulheira infernal o menino continuava dormindo a sono solto. Isabel foi ajeitar-lhe as cobertas e voltou dizendo com um sorriso:

– Dorme protegido pelo anjo. Nem os raios o acordam.

Zé Luís comentou:

– Deve estar muito cansado. Peralta como é, e na idade em que está...

Após todo aquele estardalhaço, caiu a chuva pesada, com enxurradas que faziam gru-gru nas sarjetas. O zumbido do vento continuava. Nas lufadas mais fortes o vento entrava pelas frestas da soleira da porta, pelas frinchas das janelas e pelos entre-vãos do telhado. Duas goteiras apareceram no quarto dos pais, que tiveram de mudar a cama de lugar. Do alçapão do quarto de Luizinho a água pingava como goteira. Tiveram de distribuir bacias pela casa para conter a água.

– Casa velha é isso – dizia o pai, ajudando a mãe nos socorros de emergência –. Não agüenta um temporal como este. Mas em breve teremos a nossa casa, que já está no respaldo das paredes. Tomei providências para que não aconteça isso. Nada de frestas, de vão por baixo das portas e dos telhados. Vai ficar uma nota, mas a teremos até o fim da vida.

– Estou pensando no Paranapanema – disse a mãe –. Tenho de levar Luizinho a Avaré nestes dias, para o exame médico. Se o Panema encheu é quase certo que arreventou ou avariou a ponte.

– O Panema não é rio de encher com uma noite de chuva – ponderou o pai –. É só com chuvas de um mês que o rio chega a transbordar. O Pavão, que já previa este temporal, esteve ontem no rio e disse que pode cair muita água sem haver perigo. Peça ao anjo que dê um vôo por lá e segure a ponte. Você se dá bem com os anjos, não é?

A mãe sorriu e respondeu:

– Você fala do menino, mas a verdade é que você está mais preocupado com o anjo do que ele. Para você, esse anjo é um enigma. Para ele é um ser natural, de condição diferente da nossa, mas da mesma essência. Ele ri das suas hipóteses. Disse-me outro dia: “Não sei como papai, tão inteligente, não compreende que um anjo é um anjo”. Preste atenção nessas palavras do menino. Vocês, incrédulos e materialistas, são sistemáticos e pretensivos. Vocês criam um esquema do mundo em suas mentes e só admitem como real o que está nesse esquema. É engraçado que vocês fazem isso para escapar do esquema das religiões, mas caem no mesmo erro delas. Trocam um sistema por outro e se fecham dentro do que consideram certo. Eu sofri muito quando esse anjo apareceu, porque estava também fechada no meu esquema de crenças e superstições. Mas, na proporção em que os fatos ocorriam, fui compreendendo o meu erro e aceitei a possibilidade do anjo. Agora vou logo dizer uma coisa séria: o anjo existe e você não o vê porque não quer. Note bem: se o anjo aparece a Luizinho é porque ele aprendeu na igreja que existem anjos; se aparece a Noir é porque ele tomou Sol demais; se aparece a mim é porque vejo um ladrãozinho e faço dele um anjo. Quer dizer que só você é sensato, equilibrado, e sabe com certeza absoluta que não existem anjos.

– Ouvi em silêncio – respondeu Zé Luís –; agora vou mostrar-lhe que não me fecho num esquema. Os anjos não existem nem podem existir, porque não há uma só prova da sua existência. Cite uma.

– Meu bem – disse ela sorrindo –, eu vi o anjo esta noite. Você e os meninos saíram para vê-lo e o viram pelas costas. Não era a visão que você queria, que está escrita e carimbada no seu esquema. Só por isso você achou que eu vi um ladrãozinho e não o anjo e que os meninos também não viram nada. Sua única razão é a sua autoridade arbitrária. Qual a prova provada de que era um ladrãozinho?

– Deixemos essa discussão para amanhã – pediu Zé Luís –. Já está muito tarde, vemos tratar de dormir.

– Vamos – disse ela – que amanhã você tem trabalho cedo e eu também. Mas escutemos um pouco a noite. Ela é o avesso do dia. Está povoada de seres noturnos que não vemos, mas existem. Não, não responda. Falaremos amanhã. Vá ver apenas o nosso anjinho como dorme tranqüilo em meio da tormenta.

6

Magia

Quanto mais Luizinho pensava no caso do anjo, mais intrigado ficava. O pai tinha razão em não acreditar naquilo. Ainda se o anjo fosse vaporoso, vá lá. Mas não, o diabo do anjo fazia questão de mostrar que era de carne e osso, com asas de penas de verdade. Mas na hora de bater as asas e voar, virava canfrô, como diziam os caipiras, ou seja, desaparecia. Noir também achava que o anjo devia explicar essa trapalhada.

Estavam no auge da discussão sobre o assunto, no quarto de Luizinho, as janelas abertas, e de repente ouviram um estalido como o de quem liga uma tomada elétrica: tréc! E sem que eles percebessem como, de que jeito, o anjo ali estava, sentado na beira da cama, com as asas fechadas nas costas. Não aparecera, estava ali. E estava descalço, com pés muito brancos e bem feitos, pés de gente e não de ave como eles supunham, pois nunca os mostrava. Levantou-se, abriu as asas e tatalou-as, refrescando o quarto.

– Desculpem-me – disse –, mas o calor está demais. Não sei como vocês o suportam sem um ventilador. Se não fossem estas asas eu não teria coragem de entrar nesta estufa.

Noir ainda não se acostumara com aquilo. Cada vez que o anjo aparecia ele se punha a tremer e sentia tontura. Estava branco como vela. O anjo assoprou-lhe a testa e ele voltou ao natural.

– Isso que você fez – disse Luizinho ao anjo – para nós é magia. Você é um anjo-mágico?

– Tudo o que eu faço é magia para vocês – respondeu o anjo –, mas para mim é natural. O curioso é que vocês estão cercados de magia e todas as suas mágicas, só por serem habituais, vocês não acham que sejam mágicas. Por exemplo: vocês estão de olhos fechados e não vêem nada, mas basta erguerem as pálpebras e vêem, vocês pensam e falam, ou seja, emitem uma variedade de sons a que dão o nome de palavras, e se entendem;

vocês dormem e sonham, vagam em sonho pelo espaço e depois voltam ao corpo e acordam, mas acham isso natural.

– É verdade – disse Luizinho –, nisso você tem razão.

– Pois para nós, os anjos, o que fazemos habitualmente também não é mágica, são atos e funções naturais da nossa natureza de anjos. O meu problema, para estar aqui, é simplesmente o de passar da natureza de anjo para a natureza humana. E isso não é tão difícil, porque em essência as duas naturezas, a humana e a angélica, são a mesma. A questão é, portanto, formal. E mesmo na forma somos semelhantes, de maneira que a questão se reduz a detalhes de forma. Todos nós somos almas ou espíritos, tanto faz como tanto fez. Ora, a alma é a essência espiritual que anima o corpo. Mas a alma tem também um corpo que os cristãos chamam de corpo espiritual. E esse corpo da alma é o elo que liga a alma ao corpo material. Entendem?

Luizinho disse que entendia, mas Noir disse que não. O anjo pensou um pouco, olhou para o azul do céu através da janela aberta e de repente sorriu e disse:

– Vocês sabem como um escafandrista desce ao fundo do mar para caçar pérolas, não é? Pois bem, o escafandrista tem o seu próprio corpo, mas precisa de outro, o escafandro, para viver em baixo d'água. Nós, anjos, somos almas e possuímos o corpo espiritual da alma, mas para descermos no mar de matéria em que vocês vivem, temos de vestir um escafandro de matéria igual ao corpo material de vocês. É o que fazemos.

– Mas quando você desaparece é porque tirou o escafandro de matéria, mas não o deixa entre nós?

– Porque o escafandro é nosso – disse o anjo sorrindo – é feito de matéria do nosso mundo e não do mundo de vocês. A matéria do nosso mundo é a mesma do mundo de vocês, mas em outra dimensão e com outra disposição das suas partículas e dos seus átomos. É tão mais fina do que a matéria de vocês que os seus sentidos não podem captá-la. Aí mesmo, na Terra, houve um cientista que disse: o corpo espiritual de que falam os cristãos não é totalmente espiritual, mas semimaterial, pois

contém energias espirituais e energias materiais em mistura. A nossa magia é uma técnica científica que os cientistas da Terra vão descobrir mais tarde, pois já começaram a perceber isso.

– Então você é um anjo-técnico? – perguntou Luizinho.

– Sim, conheço essa técnica e sei usá-la, mas há muitos anjos que não a conhecem e não podem usá-la, exatamente como acontece entre vocês com as suas técnicas.

– Então nos mostre isso de cara – disse Noir –. Desapareça e reapareça diante de nós, dos nossos olhos.

O anjo sorriu e olhou de novo para o céu. Seus olhos azuis pareciam refletir o azul do céu. Olhos grandes e luminosos, que pareciam carregados de mistérios. Encarou os meninos e disse:

– Bem, vou fazer o que vocês me pedem, mas não se assustem. Lembrem-se de que tudo é natural, decorre de leis da natureza. Vocês não vão perceber nada, vão ficar na mesma, mas pelo menos terão uma experiência.

As últimas sílabas: “*riência...*” soaram no ar, soaram no vazio, quando o anjo já havia desaparecido. Os meninos ficaram aturdidos. Que rapidez! Era por isso que eles nunca puderam ver como o anjo aparecia e desaparecia. Não tiravam os olhos do lugar em que o anjo estivera, nas esperanças de verem como ele voltava. Mas não perceberam nada. Quando viram o anjo, ele ali estava de novo, cara a cara com eles, como se não tivesse se afastado. Luizinho teve vergonha de pedir o que pensava. Mas Noir pediu:

– Você pode nos dar umas penas da sua asa?

– Posso – disse o anjo, e os olhos dos dois brilharam –. Essa alegria de vocês me compensa o sacrifício – disse o anjo –. Arranquem duas penas, uma para cada um. Só duas, por favor.

O anjo levantou-se e virou-lhes as costas. Viram pela primeira vez as asas em sua inteireza. Duas asas fortes e brancas como as nuvens mais brancas do céu. Eram lindas, sem nenhuma mancha nem pena torta ou quebrada. Luizinho pegou uma e puxou. O anjo pediu que ele puxasse com força, de um golpe. Luizinho obedeceu e saíram duas penas ao invés de uma. Noir fez o mesmo e só saiu uma pena.

– Luizinho – disse o anjo –, essa pena de sobra você dá ao seu pai, é um presente que faço a ele. Noir, para você basta uma.

– Mas que pena, exclamou Luizinho –, deixamos as suas asas estragadas!

– Não faz mal – explicou o anjo –, eu a recomponho facilmente.

Os meninos estavam encantados. Ninguém poderia dizer que aquelas penas eram de pavão ou de ganso, de galinha ou de pomba. Eram penas enormes e brancas, mas de um branco luminoso.

– Com o tempo – disse o anjo – elas vão perder essa luminosidade, vão murchar como flores. A parte de matéria densa que as compõe resistirá, mas a de matéria sutil, que lhes dá esse brilho estranho, irá se desintegrando. Se forem então examinadas em laboratório, nada mais revelarão do que matérias conhecidas na Terra. Mas se forem examinadas enquanto esse brilho persiste, acusarão elementos desconhecidos.

Luizinho olhava fascinado aquelas penas que vinham de outro mundo, que pertenciam às asas de um anjo. Ia mostrá-las ao padre Tavares e queria ver como ele as explicaria. Tinha agora em mãos as provas concretas que o pai exigia. Pensava na alegria da mãe ao ter em mãos aquelas provas. Noir chamou-lhe a atenção para a delicadeza das plumas alvinitentes. Eram de uma maciez extraterrena, dizia, quase impalpáveis.

Enquanto ambos examinavam a tessitura finíssima das penas, o anjo desapareceu.

Levaram as penas para a mãe e lhe contaram como tudo se passara. Ela sentia-se tocada por uma graça divina. Abraçou os meninos e chorou de alegria e emoção. Aquilo parecia um conto de fadas, uma estória de pura imaginação, e não obstante a realidade dos fatos era inegável.

Ao chegar para o almoço, o pai foi surpreendido por aquela novidade espantosa. Ouviu o relato feito pelos meninos e submeteu-os a numerosas perguntas. Examinou as penas diversas vezes. Mandou chamar Nhá Zoza e conversou com ela em segredo. Queria saber se Luizinho e Noir não andavam tramando

coisas, com atitudes suspeitas. Os meninos – explicava – podiam estar sendo embrulhados por algum espertalhão, com finalidades escusas. Aquelas penas podiam ser de aves desconhecidas, talvez mesmo estrangeiras.

Nhá Zoza disse que nada disso acontecera. Eles cuidavam do cirquinho, brincavam, ensaiavam, passando o dia e a noite entre as duas casas, a dele e a dela. Zé Luís mandou chamar o Padre Tavares, que o atendeu prontamente. O padre pensava como ele e estava disposto a liquidar o assunto, antes que a coisa propagasse e lhe desse trabalho. Mas não disponha de nenhum elemento, de nenhuma pista para esclarecer o problema.

Antônio Olímpio, inventor de um moto-contínuo que parara após três dias de funcionamento, era homem entendido em muitas coisas. Chamado a examinar o caso, declarou nunca ter visto nem ouvido falar de penas como aquelas. Olhava-as deslumbrado, exaltando-as como obra prima da natureza. Dizia: “Isto pode ser da Terra, mas parece mesmo obra celeste. Deixem-me interrogar a sós esses meninos.” Deixaram. Ele se demorou três horas com os dois, a portas fechadas, no seu gabinete dentário, pois era dentista. Ao sair de lá declarou que acreditava nas aparições do anjo. Mas quanto às penas, ficara em dúvida, pois o que os meninos lhe contaram indicava a possibilidade de artes de magia na preparação delas. Ele, o padre e Zé Luís acharam melhor levar o caso à polícia e pedir investigações.

Havia na cidade uma estranha criatura, homem solitário, chamado Pai Coivara, tido como encantador de cobras, preparador de filtros de amor e de garrafadas para a cura de todas as doenças. Vivia de curandeirismo, preparação de beberagens e benzeduras, leitura das mãos e outras artes semelhantes. Fazia amuletos à ponta de canivete, tanto em madeira como em osso. Fazia mágicas de circo e os meninos estavam em contato com ele desde a estréia do cirquinho.

Bertolino foi chamado pelo Cabo Alídio, que comandava os dois soldados da cidade. Este lhe transmitiu a ordem do delegado: ir prender Pai Coivara por denúncias de curandeirismo e exploração da credence popular. Pai Coivara ficou deslumbrado

com as penas do anjo e quis comprar pelo menos uma delas. Isso aumentou as suspeitas contra ele. Foi submetido a vários dias de cadeia, com interrogatórios e ameaças. Não chegou a apanhar porque o Cabo Alídio recusou-se a cumprir ordens nesse sentido. A situação se complicou a Zé Luís teve de intervir para evitar a remoção do cabo e do soldado Bertolino.

Quando soltaram Pai Coivara ele arrumou a trouxa e sumiu da cidade. As penas de anjo foram enviadas a São Paulo para exames técnicos. Os peritos concluíram que eram penas legítimas e não artificiais, mas provenientes de ave desconhecida. Supunham que fossem de alguma ave estrangeira e propunham investigações em fazendas do município e redondezas, onde houvesse criação ou viveiros de aves raras. As investigações não deram nenhum resultado. A conclusão oficial foi a de que se tratava de obra de magia ou feitiçaria, tomando-se como indício evidente a fuga de Pai Coivara para lugar ignorado.

7

Confusão

O Padre Tavares pregava no púlpito da igreja, naquele domingo de Sol e beleza. O Sol vinha do Céu em reflexos de azul e ouro. A beleza floria na Terra, espalhava-se nas ruas e se despejava na nave do templo. Meninas, mocinhas e moças vestidas de branco, as Filhas de Maria com a faixa azul na cintura, muitas delas carregando ramalhetes de flores, alegravam o Largo da Matriz e enchiam de graça juvenil a nave sagrada. Português amigo do bom vinho, o padre era um homem robusto e alegre, estimado em toda a paróquia por seu constante bom humor.

– Naquele tempo – dizia o padre – Jesus celebrava a ceia pascal com os discípulos. E lhes disse, ao partir o pão e distribuir o vinho: Fazei isto em minha memória, instituindo o sacramento em que o pão se transubstancia em carne e o vinho em sangue...

Luizinho e Noir lá estavam juntos. Wash auxiliava o padre como coroinha. Bertolino, à paisana, elegante em seu terno de linho branco, sentara-se com os meninos no mesmo banco. Sorriu com as palavras do padre e disse a Luizinho:

– Você não acha que isso é mágica? Se Nosso Senhor ordenou essa mágica aos discípulos e o padre a prega, nós podemos condenar alguém por fazer magia?

Luizinho arregalou os olhos e chamou a atenção de Noir para aquele trecho do sermão. Noir também se assustou. Como não haviam pensado nisso? Bem dissera o anjo que tudo é magia. Vivemos num mundo mágico. E o pobre do Pai Coivara tivera de fugir da cidade como criminoso, escapando à justiça bastarda dos homens. Não, aquilo não ficaria assim! Pai Coivara teria de voltar. Se a lei dos homens o condenava, a lei de Deus o absolvía. E Bertolino ali estava para garantir o mágico injustiçado.

Finda a missa, os meninos saíram da igreja fazendo projetos atrevidos. A mãe os auxiliaria a redigir uma defesa de Pai

Coivara, que eles divulgariam na cidade. O pai já dera o assunto por encerrado, mas a mãe não se conformava com a decisão das autoridades que condenara o Pai Coivara, velho e quase cego, pela suspeita mentirosa de haver fabricado artificialmente penas de anjos. Trariam o velho bruxo de volta para a sua tapera e o defenderiam a qualquer custo.

Dito e feito. Auxiliados por Zé Camarão, que tinha uma discreta barbearia na Baixada da Bica, por Damásio Cambira, criador de porcos na Aguada do Ribeirão Carrapatos, e pela gaforinha endinheirada Chiquita Fonseca, benzedora famosa de quebrantos, cobreiros e a dança-de-São Guido, os meninos descobriram Pai Coivara em Timburi e o trouxeram de volta a Itaí. O Padre Inocêncio, português, suspenso de ordens por abrir uma loja na esquina de Nhá Bé, e que se considerava espoliado no sacerdócio pelo seu patrício Padre Tavares, prestigiava a luta dos meninos. Bertolino lhes dava a cobertura militar.

Essa turma teve o topete de reinstalar Pai Coivara com uma festa regada a quentão e com baile à sanfona. Ninguém se atreveu a impedir a festança, pois impedimento maior podia ser feito na vida de quem o tentasse, por aquela perigosa conjunção de bruxas e macumbeiros.

Pressionada a família pelo pároco afrontado, Noir separou-se de Luizinho e foi enviado a São Paulo para tratamento de saúde. De fato, andava magrinho e nem a pena do anjo o ajudava a curar-se de uma tosse renitente. Não houve briga entre as famílias, mas um esfriamento da amizade, espécie de guerra-fria daqueles tempos.

O contador Zé Luís aborreceu-se com tudo aquilo e ensaiou mudar-se para Avaré, mas acabou ficando em Itaí. Sua casa estava nos últimos acabamentos e não valia a pena perdê-la por melindres. Aristides Pires, que tomava conta da escrita e gerenciava a loja de fazendas de Zé Primo, muito sensato e pacificador, aconselhou Zé Luís a não sair da boa terrinha. “Tudo isso logo passa – dizia ele com seus olhos azuis cheios de paz – e você não se arrisca a prejuízos que poderão arruiná-lo.” Zé Luís teve ainda o apoio de Isabel, que gostava da cidadezinha e não queria deixá-la. Luizinho, por sua vez, dizia que o anjo não

queria que ele se mudasse de lá e a opinião do anjo, depois do caso das penas, pesava muito nas decisões do pai.

Ao contrário de Zé Pires, seu irmão e escrivão do registro civil, moreno, de cabelos escuros e cabelinho nas ventas, Aristides era loiro e pacífico. Sua bondade e tolerância lhe deram prestígio político e grande querência na cidade e toda a redondeza. Pouco depois foi reeleito prefeito e conseguiu apaziguar os ânimos na cidade. No caso do anjo manteve-se discreto, dizendo aos mais íntimos que sabia, desde criança, que os anjos podem aparecer a crianças.

Naquela manhã de fins de setembro de 1925 a primavera explodia em Itaí. Por toda parte as flores se derramavam em pendões coloridos e perfumados. O céu azul era navegado por nuvens brancas de casco cinzento. Os ventos semeavam pólen que irritavam os narizes alérgicos, provocando espirros e ao mesmo tempo semeavam os rebentos de novas floradas.

Abelhas de asas translúcidas empenhavam-se na colheita de pólen para a indústria das colméias. Embriagadas com o excesso de pólen, entravam tontas pelas janelas nas casas e enrolavam-se nos cabelos das mulheres. Dona Bonina, esposa de Zé Pires, espantava-as com uma toalha, reclamando: “Parece que estão loucas!” Zé Pires, de olhos irritados e vermelhos, uma pinta branca no olho esquerdo, dizia-lhe: “Elas procuram pólen nas flores. Veja que não me amolam.” Ela respondia rindo: “Engraçadinho, vá ver como elas se enrolam nas barbaças de Seu Eduardo.” O marido explicava: “Mas aquilo é uma ramagem!”

O Professor Aristides Walter Prado, sempre elegante, comedido, os olhos primaveris brilhando nos óculos de aros doirados, conversava com Aristides Pires na esquina da casa de Seu Aurélio Bouças Loureiro, dono da luz, como o chamavam, pois era o proprietário da empresa elétrica da cidade. Aurélio, espanhol, sempre bem vestido, pai de Anita, a mais linda moça da terra, segundo a opinião geral, saiu à porta da casa e, vendo os amigos, foi juntar-se a eles.

Um fordeco de bigodes, chocalhante mas empinado e lépido como um cabrito, parou junto ao grupo. Sebastião Araújo saltou

do carro com sua habitual jaqueta de couro marrom e cumprimentou os três. Depois convidou o Dr. João Batista Pereira, que ficara no carro, a descer para apresentar-lhe as três personalidades locais. O advogado famoso, da capital, em seu elegante terno de casimira inglesa, o infalível lençinho branco no bolsinho de cima do paletó, desceu com dificuldade por causa de seu peso. Era um homem moreno e tranqüilo, olhos grandes e irradiantes de simpatia.

Sebastião Araújo, tipógrafo em Avaré, tinha o rosto ossudo e quadrado, os dentes fortes e salientes, alto e forte, mas não gordo. Por causa daquele rosto o chamavam de cara de cavalo. Sempre rindo, conquistava amizades por sua afabilidade e préstimo.

Feitas as apresentações, o Dr. Batista fez descer do fordeco um mulatinho bem vestido, que apresentou como sendo “um grande metérgico paulistano”. Ninguém sabia o que era isso, mas logo ficaram sabendo. Onésio era um médium e chegava a Itaí especialmente interessado no caso do anjo. Ali mesmo o Dr. Batista ofereceu a cada um dos recepcionistas eventuais um volume de obras espíritas de sua tradução. Como a tradução era do Inglês, os volumes foram encarados por aqueles católicos como de natureza cultural. Sebastião Araújo lembrou que Nhonhô César os esperava e pediu licença para seguirem até à casa do comerciante. Despediram-se, Araújo os convidou para a palestra do Dr. Batista que se realizaria à tarde, e seguiram no fordinho.

Nhonhô César se tornara espírita por causa de um problema em família. Era genro da fazendeira Nhá Bé, sócio do italiano Alfredo Nardini e muito considerado na cidade. A palestra de Batista Pereira não era o objetivo daquela visita a Itaí, mas sim uma sessão experimental de Espiritismo que deviam realizar à noite, mas em círculo restrito. Onésio era médium de materialização e queriam testar a mediunidade de Luizinho com a dele.

A notícia aumentou o clima de expectativa daquele início de primavera, agitando os ânimos e provocando discussões

agitadas. Zé Luís esperava os visitantes, com o filho, na casa de Nhonhô César.

Quando Onésio viu o menino, disse ao Dr. Batista:

– O anjo está ao lado dele, interessado na sessão. Posso descrevê-lo.

E fez, de fato, uma descrição minuciosa do anjo, que Zé Luís confirmou entusiasmado.

A palestra de Batista Pereira agitou a cidade. Batista, como o seu xará do deserto, anunciava tempos novos. Lembrava antigas profecias bíblicas anunciando a chegada de uma era de grande aumento de ocorrências mediúnicas. “O Senhor derramará o seu Espírito sobre toda a carne, os velhos terão sonhos e as crianças profetizarão. As portas do Céu se abrirão para que os homens possam ver a face do Pai.”

Ligando expressões bíblicas às suas imagens pessoais de grande orador, Batista arrebatava os ouvintes. Como era inevitável, o Padre Tavares revidou o orador em seus sermões na igreja, mas o prestígio do homem culto, que viera da Capital do Estado para ver o anjo de Luizinho e afirmara de público que as penas do anjo eram verdadeiras, empolgaram as pessoas de maior instrução.

A confusão iniciada com as aparições do anjo cresceu como as enchentes do Panema e ameaçava pontes e balsas. Os que haviam participado da sessão mediúnica contavam coisas assombrosas. Onésio, o metérgico, havia caído em transe e formara-se em seu redor um círculo de estranha massa branca luminosa, que depois amontoou-se no solo e começou a erguer-se no ar, transformando-se pouco a pouco numa figura humana. Durante esse processo os presentes sentiam-se envolvidos por irradiações elétricas. A figura humana tornou-se criatura viva, andava pela sala, falava com vários dos presentes e, por fim, abraçou ternamente um jovem de Timburi que chorava de emoção e dizia: “Mamãe, mamãe, como Deus é bom!” Conhecidos do jovem confirmavam o fato e diziam que realmente era a mãe dele, morta dez anos antes, que ali se materializara. Muitas pessoas curiosas foram a Timburi procurar

o jovem e voltaram confirmando que era mesmo sua mãe que se materializara.

O caso de Luizinho foi muito curioso. O menino não caíra em transe nem se amedrontara. Mas a certo momento avisou:

– O anjo vai aparecer.

Logo a seguir, sem se saber como, de que maneira aquilo se dava, o anjo apareceu luminoso, iluminado por si mesmo, na penumbra da sala. Sorria e passeou pela sala tranqüilamente, cumprimentando uns e abraçando outros. Luizinho o olhava e não se aproximara. Houve uma conversa entre o anjo e o Dr. Batista, que todos puderam ouvir. O anjo explicava que não precisava de médium para se materializar, que podia fazê-lo sozinho e aparecer em qualquer lugar como um agênere. O Dr. Batista explicara que o agênere é um ser não gerado em nosso mundo pelas leis biológicas, mas que pode materializar-se, seja anjo ou pessoa morta, apresentando-se como se fosse uma pessoa humana comum.

Quem se viu atrapalhado com tudo isso foi o Padre Tavares, que tinha de dar explicações aos seus paroquianos e discutir com todos os entusiastas da sessão.

– Isto é um fim de mundo – dizia o padre –, um tempo de loucura e heresia, mas também de profanação. Onde já se viu tanta confusão? Todos aceitam essas artes diabólicas como graças concedidas por Deus! Ou o Senhor Zé Luís põe esse menino num colégio de padres ou logo teremos aqui a própria confusão do Inferno, com diabos fantasiados de anjos!

8

Luar

Enquanto aconteciam as coisas, o tempo rodava no espaço o seu jogo de sóis e luas. Quando a confusão passou e Itaí voltou à sua doce rotina, Zé Luís e Isabel perceberam que o menino havia crescido demais. Viram isso naquela noite indiscreta de luar aberto, que escancarava o céu sem medo da bisbilhotice das comadres. Estavam os três em pé, juntos, em fileira, no quintal, de costas para a parede da casa. De repente, Isabel olhou para trás e se assustou. A Lua projetava as sombras dos três quase na mesma altura. Chamou a atenção do marido para aquilo e ele tentou uma explicação falando de ângulos e reflexos. Mas ela não foi nessa e levou o marido à parede juntamente com o filho. Encostou-se ali e, sob o implacável olhómetro lunar, assinalou na cal, com uma arranhadura, a altura de ambos. Fez o marido assinalar a sua. Ela era um pouco mais baixa que Zé Luís e o menino faltava pouco para alcançá-la. O marido ainda relutou, tentando jogar com possíveis desníveis do terreno. Mas a mulher, implacável como a Lua, foi buscar a sua fita métrica e pôs a questão em pratos limpos: o menino crescera e os estava alcançando rapidamente. Só havia uma solução para evitar isso: pedir a Josué, o mágico bíblico, que detivesse no céu o Sol e a Lua.

– É incrível – dizia Zé Luís – como a gente se absorve nos problemas diários e não se lembra que o tempo está passando. Luizinho já está quase um Luizão e não percebemos isso. Continuamos a tratá-lo como aquele garotinho que brigava com outros na rua. Agora o que faremos?

– Nada – respondeu Isabel com o terrível senso das mulheres práticas –. Não podemos fazer mais do que estamos fazendo.

Luizinho sorriu e disse com voz grossa:

– Temos de ver se o anjo-menino também cresceu. Suas penas já perderam o brilho.

Zé Luís o encarou espantado:

– Você se resfriou, meu filhinho? Está rouco?

Isabel se torcia de rir e disse ao marido:

– Meu bem, como você é distraído? Queria que ele estivesse falando com aquela voz melodiosa de criança?

Luizinho olhou para a parede e disse à mãe:

– Pode medir o anjo, mamãe, com a sua fita métrica. Ele está um pouquinho mais alto que eu, quase da sua altura.

Isabel pensou que ele brincava:

– Onde está ele?

Luizinho respondeu:

– Agora, não sei, mas há pouco estava ali e marcou também a sua altura.

Havia um risco a mais na parede.

Isabel, com a fita métrica nas mãos, parecia cismar, de olhos voltados para a Lua, que também parecia haver crescido no Céu. Loira Lua, redonda e enorme, transformava o mundo num *eclã* com a projeção da sua luz mágica. Isabel sentia a sensação de ser apenas uma sombra projetada na tela de uma realidade irreal. Ela, o marido e o filho nunca haviam existido. O anjo era sombra esquiva que fizera contraponto com eles num palco de títeres. E dizer que haviam vivido, sido felizes, rido e chorado como se fossem reais! O marido a contemplava em silêncio. O luar vestia uma túnica branca e Isabel empoava os seus cabelos com pó de Lua. Lembrou-se de Isabel-menina (onde ficara?) e de Isabel-mocinha (para onde fora?) e se perguntava a si mesmo: “Para onde vamos nós três sob este luar?”

Eles não percebiam, mas Luizinho os observava em silêncio, os olhos lacrimejando. Súbito, o anjo lhe ciciou do Invisível:

– Lembre-se do que lhe disse há tempos. Vocês vão indo para a Angelitude.

Luizinho acordou o pai e a mãe daquele enleio:

– Não sejamos dramáticos. Somos todas criaturas reais, mas a nossa realidade não está no corpo e sim no espírito. Somos criaturas humanas que avançam para a Angelitude, para o mundo superior em que vive o anjo.

– Então vamos ter asa? – perguntou Isabel voltando a si – Vamos carregar nas costas aquelas bonitas mas incômodas asas de pássaro, que afinal não servem para nada? Não, prefiro continuar aqui e como estou, envelhecer e morrer como todos morrem. Sou humana, não sou nem quero ser angélica. Deve ser horrível a gente andar como pirilampo, aparecendo e sumindo.

– Será horrível ou será divertido? – perguntou Zé Luiz.

– Nem uma coisa nem outra – disse Luís – será simplesmente natural. Há milhões de anos isso acontece no mundo. As asas do anjo são puramente simbólicas. Ele finge que voa, para contentar as nossas exigências, corresponder aos nossos falsos conceitos. Sem aquelas asas e aquelas penas que murcham o anjo seria para nós apenas um fantasma.

– Pelo que entendi das suas palavras – disse o pai – o anjo é o professor de uma Universidade Invisível que você cursou sem perceber e sem que compreendêssemos esse fato insólito. você, meu filho, tornou-se um filósofo. E nós, agora, temos de aprender com você. Assuma a cátedra.

– O anjo era um menino como eu – respondeu Luizinho – e continuamos meninos, ele e eu. Gosto dele por isso. Nunca se pôs a me dar lições como sábio do Além. Respondeu apenas ao que eu perguntava, dando-me as explicações que eu pedia. Agora mesmo, não viu? Ele fez aquela peraltice de assinalar a sua altura na parede. E agora está me dizendo que fez isso porque pertence à família. Engraçado! Ouçam o que ele me diz: que quando vocês se casaram ele devia ter nascido como o primeiro filho, mas vocês não o quiseram. Eu devia nascer depois, pois vinha meio estabonado e ele, como mais velho, me ajudaria a acertar os passos. Nasceu – sim, ele diz que nasceu mas não pôde viver porque o tiraram antes do tempo. Então me fizeram nascer um ano depois e o puseram ao meu lado, não como anjo da guarda, mas como irmão e companheiro. Permitiram que ele aparecesse no momento exato em que eu ia começar a fazer peraltices. E que se eu não fiz mais do que as que vocês conhecem, foi graças a ele, que sempre me segurou pelo braço e me deu umas pancadinhas na cabeça. Diz que agora vai comigo até o fim da vida, porque ainda tenho pela frente uns períodos perigosos em

que vou precisar de pancadas mais fortes. E esta, que é boa, ele me diz sorrindo: que mamãe ficou com medo que ele me levasse, não por superstição, mas por remorso. E que ele deu idéia para o senhor me tirar da igreja porque lá não é lugar de anjo, mas de padre, e ele não podia me abandonar.

– Tudo certo, meu filho – disse a mãe. Ele devia chamar-se José Luís. Para você, que eu tinha certeza que viria mais tarde, eu reservava o nome de meu pai.

– Mas porque ele não nasceu depois? Houve outra chance que ele poderia ter aproveitado – disse o pai.

– Porque – respondeu Luizinho – resolveram que era melhor ele continuar na condição de anjo, em que vocês o puseram ao tentar nascer. Não chamam de anjo as crianças que não vingam? Ele diz ainda que não é anjo, sua condição é humana, e por isso arranjou as asas que são apenas ornamentais. Se aparecesse como uma criatura humana, o padre diria que ele era um demônio e vocês acreditariam. Mas como anjo, com asas protetoras, vocês ficariam entusiasmados e o padre não conseguiria nada. Diz que a vaidade humana tem seu lado bom, que ele aproveitou.

– Malandragem de anjo – disse o pai rindo – essa é boa!

– Ele me diz agora – continuou Luizinho – que mamãe ficou muito triste com este luar. Achou-o lindo no cair da noite, mas depois o foi achando triste. Começou a lembrar-se do primeiro filhinho que, por egoísmo e comodismo, havia rejeitado. Isso lhe cortava o coração. Isso aconteceu porque ele estava aqui, ao seu lado, preparando-a para ouvir o que ele ia dizer, pois estava incumbido de fazer essa revelação.

– É verdade – disse a mãe com tristeza – este luar me encantou, depois me fez sofrer, mas agora me encheu novamente de encanto e alegria. Eu era muito jovem quando nos casamos. Os jovens são egoístas. Não queria que nada perturbasse a felicidade dos nossos primeiros anos. E ele apareceu como um intruso que eu rejeitei, contra a vontade de seu pai. Agora sei que ele me perdeu e continua a se considerar como meu filho.

Luizinho sugeriu que ficassem conversando ao luar. Foi buscar cadeiras e os três se sentaram apreciando a Lua redonda que pairava no alto, sobre a mangueira. O céu se iluminara com a luz difusa do luar. Aves pipilavam nos ninhos, estranhando a claridade noturna. Viam-se as nuvens e pequenas estrelas distantes. A noite estava calma e quente, mas o calor era abrandado pelo sopro de leves aragens traquinas, que brincavam na folhagem das árvores e nas flores do jardimzinho modesto plantado por Isabel. Galos cantavam à distância e alguns clarinavam próximos.

Luizinho disse que o anjo havia se afastado prometendo uma surpresa agradável para todos eles. Trocavam idéias sobre os mistérios do luar. A Lua era um mistério em si mesma e a fonte de todos os mistérios. Estranho aquele corpo celeste pendurado no alto como um espelho que refratava a luz do Sol para a Terra. E que força possuía aquele astro solitário, que controlava as marés, o curso dos rios, a germinação e o crescimento das plantas, as funções genésicas dos animais, a inspiração dos poetas e o amor entre as criaturas humanas. Gatos miavam nos telhados, cães uivavam, mariposas estonteadas borboleteavam entre as flores. A Lua controlava os rumores da noite.

Súbito, Luizinho distinguiu à distância, por trás do bambual, uma espécie de revoada de pombas brancas que vinha na direção deles. Todos ficaram atentos. E logo viram, encantados, que era uma revoada de anjos, as largas asas brancas abertas no céu. Vinham em fila, as asas de penas brilhantes que eles já conheciam cintilando ao luar. Passaram sobre o telhado da casa, mas logo voltaram rodando em espiral sobre eles. A espiral foi aos poucos se afinando e distendendo na direção da Lua, que estava no meio do céu. Subia e se afinava em forma de cone, até perder-se no alto, na forma de um parafuso luminoso e branco que entrasse na carne doirada da Lua. Uma visão angélica que lembrava os remígios da visão de Dante.

Não podiam contar aquilo a ninguém, pois ninguém acreditaria. Não podiam dizer nada, fazer nenhum comentário, pois os três estavam emocionados, suspensos no ar, na plena sensação de que não estavam na Terra. Ficaram mudos, sem

desviar os olhos da Lua, na secreta esperança de que aquilo se repetisse.



Os anjos subiram em revoada, do bambual à Lua, uma Lua de luar.

Nhô João Cafundó não era homem de muita prosa. Criado no trato da terra, vivia na cidade em casa de chão de terra batida e coberta de telha vã. Alto e forte, apesar da idade, com sua barba rala de caipira paulista, cigarrão de fumo de corda e palha de milho, detestava prosápia de gente citadina, não aceitava latinório de padre nem mandingas de preto e caboclo. Mas estava na porta de sua casa, descalço, espiando a noite, quando viu aquele despropósito de asas brancas no céu. Curioso, atravessou a rua e foi conversar com Zé Luís. Chegou desconfiado, cumprimentou a turma e perguntou:

– O que foi aquela revoada de asas por aí? Não sei se viram.

Zé Luís disse que sim, que todos eles viram e estavam admirados. Ofereceram-lhe uma cadeira e ele aceitou. Nhá Marica, sua mulher, saiu à porta para ver aquela estranheza de espantar: o marido *num cavaco* na hora de dormir. Mais assustada ficaria se ouvisse o que ele estava falando.

– Tenho visto coisas que ninguém viu – disse João –, mas essa de anjos voando por aqui nunca pensei que veria. Vi bem que pomba não era, nem pato do mato, que não voa tão alto. Parecia revoada de anjos, coisa que nunca suspeitei por estas bandas, mas pensei que podia ser a minha vista na visagem do luar. Digo que vi porque vi. Será verdade essa estória de anjo que aparece pro menino? Criança vê coisa de mais e tem sempre um doutor da capital pra cavaqueá no assunto.

– É, Nhô João, mas desta feita a coisa não teve cavaco – disse Zé Luís – foi coisa de surpresa e de *embirar* a gente no rodeio.

– Vosmecê – disse o velho, rindo – é que tá passando embira na língua para mór me convencê. Mas lhe digo, com muito respeito de bicho do mato por gente civilizada, que não se amarra burro chucro com embira. O luar tem manha de raposa, quando lhe dá na veneta. Faz a gente vê caipora na estrada e mula sem cabeça na encruzilhada. No sertão é que a gente agarra pelo rabo as lambanças da Lua, como quem puxa tatu na boca da cova. Essas luminanças do luar põem boto nas águas e fazem ariticum maduro virá saci-marolo. Vosmecê pode fincá o pé na estrada agorica mesmo e topá um lobisome numa moita de guanxuma. Cobra pacóca sai da barroca e fala com a gente na visage de seus óio de vagalume. É tudo fascinage de mãe d’água pra cabocro zoróta, temeroso das visage do sertão. Vosmecê, que é home de escritura, não caia no melado quenem mosca esturdiada. Tô acostumado a tirá prosa de assombração em casa abandonada e cortá de foice tronco de bananeira com braços de trepadeira.

Zé Luís insistia em afirmar que aquelas asas de anjos não tinham nada a ver com essas crendices da roça. Nhô João Cafundó o irritava com aquela parolagem de caboclo sem basófia. Mediu o velho de alto a baixo e ficou impressionado com o seu porte de gigante de barro, o rosto moreno e os olhos firmes a fisgá-lo nas suas crendices. Não fosse Nhô João Cafundó e iria arreliar com ele. Mas conhecia o respeito da cidade por aquele patriarca que nem mesmo os padres se atreviam a incomodar. Seus filhos homens, Dama, Tataco e Tatim cresceram pagãos, sem batismo nem crisma e só deixara

as filhas por conta da mulher, que as batizara sem alarde. Achou melhor calar, respeitando o velho. Foi então que o velho se despediu.

– Vosmecê me desculpe, mas sou home da roça que pisa descalço no chão. Vi a força do luar no mato. Jaguatirica lampeja nos óio, tatu sai da toca e vai comê defunto no cemitério, urutu e jararaca espantam a bicharada, a cabocrada pinica as violas, as moças suspiram e fogem na garupa de pinguços sem vintém. A força da Lua revorteia o sertão.

Nhô Cafundó se foi e Luizinho disse:

– Com um bicho desse, nem a Lua pode!

9

Chão

O saci marolo brota do chão, da semente de marolo, que é o ariticum do campo. Ninguém o vê nascer, pois o broto do saci é uma carapaça enrugada de marolo que se mistura com o capim e a guanxuma. Quando a guanxuma arrebeta em flores amarelas, de um amarelo vivo, o saczinho de olhos espertos se esconde na moita até poder saltar na sua única perna. Não é o saci antigo de cachimbo de negro velho na boca, mas um saci menino que não usa gorro vermelho, pois a sua carapaça de marolo é o seu próprio couro cabeludo e ao mesmo tempo o seu cabelo pixaim.

Luizinho andava pela beira da barroca de Nhá Henriqueta, perto do cemitério, quando viu um saci-marolo saindo da moita de guanxuma. Correu para ele, mas o saczinho desapareceu no chão. Ele ficou pensando no mistério do chão, de onde nascem todas as coisas e seres. Mas seria mesmo assim? Sentou-se em baixo de um pé de ariticum, fechou os olhos que o Sol ofuscava e, quando abriu de novo as pálpebras o anjo estava em pé ao seu lado.

– Tudo vem do chão – disse o anjo – isso é certo, mas nem sempre de maneira direta. O saci-marolo é uma forma de transição entre o vegetal e o animal. Ninguém pode pegá-lo, pois ele é feito de energia e não de massa, entende? Querer pegar um saci-marolo é o mesmo que tentar pegar uma chama de fogo-fátuo. Não se pega nada. Ela é visível, mas não tangível.

– Como você pode saber tudo isso, se você é apenas um ser humano que não nasceu? – perguntou Luizinho.

– Justamente por não ter nascido, não tenho o corpo material, mas tenho o corpo espiritual, que me permite viver no mundo da energia. Você já pensou na quantidade de energias desconhecidas que estão sob os seus pés, quando você anda? Você pisa na terra, na areia, na relva, mas não sabe que tudo isso e mais os vermes, as minhocas, as sementes e as raízes são formas diversificadas e condicionadas de energias. O barro que

suja os seus pés está cheio de constelações atômicas que os seus sentidos materiais não captam.

– Constelações?! – perguntou Luizinho coçando a cabeça, intrigado.

– Você já não aprendeu na escola que tudo é feito de átomos? – disse o anjo – Preste atenção, pois vou tentar lhe dar uma idéia clara da coisa. Um átomo é um sistema solar. O núcleo do átomo é um solzinho tão pequeno que não se vê nem nos microscópios. Em redor desse núcleo giram as partículas atômicas como os satélites giram em torno dos planetas e os planetas em torno do Sol. Entendeu? Está bem, vamos adiante. Um grão de areia é feito de átomos. O barro que lhe suja o pé está cheio desses sistemas solares encadeados em galáxias ou constelações invisíveis. Dá pra pensar nisso?

– Dá – disse o menino –, mas que vantagem tenho em saber isso, se não posso provar a ninguém que isso é verdade? E de que me serve saber, se não posso pegar um átomo na ponta dos dedos?

– Você tem a vantagem do saber, do conhecer, que ajudará você a compreender o mundo em que vive e não estranhar muitas coisas misteriosas que nele acontecem. Mais tarde, quando você for estudar em cursos superiores, você pode se tornar um cientista e para isso terá de lidar com átomos. Então você verá os átomos e as partículas atômicas e se espantará com a distância que existe entre uma partícula e o núcleo do átomo. Você verá, através de instrumentos que lhe permitirão medir essas distâncias, que o chão que você pisa, a sua pele e o seu corpo e tudo quanto existe tem mais vazio do que massa. E só assim você poderá compreender porque eu posso me tornar visível e invisível quando quiser, segundo já lhe expliquei e você não conseguiu entender até agora.

– Escute aqui, meu amigão – disse Luizinho – se você é mesmo o meu irmão que não nasceu, não me deixe zozinho com essas histórias. Só porque eu quis pegar um saci-marolo você quer me encher a cabeça e o pé de constelações atômicas? Por

que você me trata como se eu fosse um saci-marolo, só me fala no pé e não nos pés?

O anjo sapateou e sorriu, dizendo:

– Eu também tenho dois pés, não é? Mas um é semelhante ao outro. Se, falando no singular já atrapalho você, o que seria se eu falasse no plural? E se estou dizendo estas coisas é porque você estava dando tratos à bola sem dispor de elementos para compreender o mistério do chão que pisa e do saci-marolo que nele sumiu.

Luizinho caiu em silêncio, pensando: “Se o saci-marolo sumiu no chão é porque se pode penetrar nele sem o corpo material. Um corpo energético não encontra dificuldades para penetrar a matéria em forma de massa que conhecemos. Isso nos mostra a Terra, o nosso planeta, como a fonte de tudo quanto existe na sua superfície e no seu interior. Bolas! Nunca pensei nisso. A gente vive na Terra como se nada houvesse entre nós e ela. Quantas vezes pensei, ao ver o anjo, que somos naturais de *regiões* maravilhosas do Universo e estamos na Terra de passagem. Agora vejo que não, que somos produtos do chão que pisamos. Isso me decepciona. Será verdade que Deus nos fez do barro da terra? Nesse caso somos barro, nada mais do que isso. Ah, que confusão estou fazendo! Se somos feitos de barro e quando morremos voltamos a ser barro, isso é decepcionante!”

– Lembre-se do que lhe disse sobre o barro – sou a voz do anjo no seu ouvido –. Não seja petulante, pensando que já sabe tudo. Você é um moleque ignorante que tem muito a aprender.

– Essa não! – replicou Luizinho ofendido – Não estou querendo bancar o sabichão, mas somente o sabichinho. Quem sabe muito é um bichão sabido, mas quem sabe pouco é um bichinho sabido. Você concorda ou não? Eu já estou sabendo coisas que ninguém sabe por estas bandas, nem mesmo os que bancam o sabichão. Tenho o direito de me considerar um bichinho sabido.

O anjo deu-lhe um assobio ardido no ouvido, que o deixou meio tonto. E explicou:

– Isto é uma vaia. Você não sabe nada, é um bichinho ignorante que ainda está no pó da Terra.

– Está bem, irmãozinho não nascido, bichinho abortado. Mas agora me diga uma coisa: somos feitos de barro e voltaremos a ele quando morremos, ou somos filhos de Deus e ressuscitaremos em espírito? Saia dessa, irmão!

– Você é um bolota de barro em seu corpo material – respondeu o anjo – e é esse corpo que volta à Terra. Mas o que dá vida ao seu corpo de barro é o espírito que o anima e que tem o seu corpo espiritual, feito de energias e inteligência. Entendeu? Eu não abortei, me abortaram, e por isso eu tive o merecimento natural de continuar vivo e progredir, alcançando o primeiro grau da angelitude, que está acima da humanidade. Mas ainda me falta tanto para ser anjo como a você para ser homem.

Luizinho ficou tiririca de raia. O sangue lhe subiu às faces.

– Você hoje está me pegando pelo pé – disse irritado –, desde o momento em que veio me contar suas lorotas. Que você ainda não é anjo logo se vê, mas que eu sou gente, sou um homem em desenvolvimento, só os orelhudos podem negar.

– Irmãozinho rastejante – disse a voz do anjo – tome consciência da sua inferioridade, para poder libertar-se dela. Você, quando muito, pode saltar como uma lebre, mas não pode voar. Vou mostrar o seu retrato agora mesmo, para esmagar pela cabeça a cobra da vaidade que o envenena. Olhe para aquela moita de guanxuma em que você viu o saci-marolo aparecer. Veja você saindo da mesma moita.

Luizinho olhou e viu um par de orelhas peludas e pardas apontando sobre as flores amarelas. Pensou que ia sair dali um burrico, mas o que saiu foi um coelho do mato, pardo-cinzento, elegante e ágil, pulando e olhando assustado de um lado para outro.

– É isso o que você é, irmão. Um coelho da terra, que não pode mergulhar no chão como o saci-marolo nem voar pelo céu como anjos ao luar, nem aparecer e desaparecer como eu posso.

O coelhinho do mato estava assustado como se o houvessem tocado da sua toca. Correu de orelhas em pé, às tontas e foi bater

com o focinho nos pés do menino. Recuou ligeiro e se atirou no mato em saltos velozes. Desapareceu num instante.

Luizinho achou graça naquilo e deu uma gargalhada. Depois ficou esperando a voz do anjo, que se calou. Isso o aborreceu. Desejava continuar aquela discussão agressiva, mas no fundo amorosa, pois gostava do anjo e sabia que era amado por ele. Eram irmãos, e os irmãos sempre brigam quando discordam de alguma coisa, mas a briga é passageira, chuva de verão em terra seca. Sorriu: o anjo era de fato bem humorado e espirituoso. Aquela do coelhinho fora de mestre. Levantou-se para voltar à casa e sentiu um beijo na testa. Agradeceu e disse:

– Ajude-me, irmão, preciso saber mais coisas sobre o chão que pisamos. Somos muito ingratos para com ele.

Ventos frios começaram a soprar de noroeste enquanto o menino voltava para casa. O luar persistia, mas a Lua empalidecera, passando de ouro a prata. O chão pedregoso resplandecia, coberto por uma fina camada de prata em pó. A terra é mulher, pensou Luizinho, e disse sorrindo: *la dona é móbile*. Até ontem usava ouro em pó, agora é prata. Lembrou-se de Cristina, que nos últimos dias só vira de longe, nos portões da escola. Sentiu ímpetos de ir procurá-la, de falar com ela, de olhar fundo nos seus olhos, projetando-se neles. Atração da terra sobre o homem, do chão com seu magnetismo milenar segurando a humanidade pela planta dos pés e depois engolindo-a e digerindo-a.

Mas o que isso tinha a ver com Cristina? O homem cava o chão, semeia nos seus sulcos, aduba, colhe os seus frutos, alimenta-se com eles. Mas um dia o chão se abre para engoli-lo de corpo inteiro e transformá-lo em novos produtos e novas gerações humanas. Sentiu um arrepio em todo o corpo e voltou a pensar em Cristina. Por que, perguntou a si mesmo, por que temos medo de uma realidade natural que, no final das contas, é a condição da nossa própria existência?

– Filósofo, heim! – falou-lhe o anjo no ouvido em tom irônico.

– Ah! você está aí e me deu esse arrepio? – perguntou o menino.

O anjo não respondeu a Luizinho esqueceu-se dele. Continuava a pensar em Cristina. Súbito, tudo se esclareceu em sua mente. Estava a dois passos do Ribeirão Carrapatos e ouvia o clamor de suas águas nas pedras. O Universo era um fluxo de amor em constante função genésica. a pedra, o fogo, a água, o vegetal, o animal e o homem eram gerados e geravam sem cessar. Ele havia sido gerado e teria de gerar, e os que ele gerasse continuariam a gerar. O mistério que ele pisava no chão era nada menos que a Gênese, o poder e a ação criadora que se concentravam e se expandiam nas entranhas de lavas e pedras da Terra. Seu amor por Cristina vinha dessas profundezas e floria em sonho e ternura na epiderme enluzada do chão. Caiu de joelhos e beijou o chão que pisava. Naquele instante deixava de ser menino.

Uma nuvem cobriu a face da Lua. Outras nuvens, bojudas e escuras, envolveram o disco lunar. Os ventos fechavam a noite e o clamor das águas de um simples ribeirão estrugia como o embate do mar nos rochedos.

10

Homem

Luizinho não podia mais continuar em Itaí. Teve de ir para Botucatu, preparar-se para a Escola Normal.

O pai o levou de automóvel e lhe recomendou:

– Não conte a ninguém a história do anjo. Ninguém acreditará e todos o considerarão como mentiroso ou desequilibrado.

Ele respondeu, surpreendendo o pai:

– O senhor não me convidou a assumir a cátedra em casa? Se me considera catedrático da família deve compreender que sei o que devo fazer.

Zé Luís calou-se. Vinha notando que Luizinho mudara muito nos últimos tempos. Revelara uma personalidade oculta. Não parecia um adolescente, nem mesmo um jovem, mas um adulto, um homem. Pensava que essas mudanças eram naturais no processo de crescimento e talvez ele se assustasse por ocorrerem com o filho. Isabel também já lhe havia falado a respeito e ele a acalmara recorrendo a esses mesmos argumentos. Por outro lado, o anjo parecia haver se afastado. Nunca mais Luizinho dera notícias dele.

Em Botucatu Zé Luís deixou o filho na pensão que já havia contratado com antecedência e daí foi procurar um amigo e ex-colega de escola, José Mariano Lobo. Sabia que Lobo era, na verdade, um cordeiro, e que entendia dos problemas mediúnicos. O amigo contou-lhe vários casos semelhantes aos de Luizinho, que se passavam com ele, e garantiu-lhe dar assistência ao filho. Lobo exercia função importante no escritório da Estrada de Ferro Sorocabana e era um homem culto e inteligente, sobretudo ponderado e sério. Segurou-o em Botucatu por aquela tarde. Fazia muito calor e era melhor que Zé Luís voltasse à noite para Itaí, pernoitando em Avaré, se necessário, depois do jantar e de descansar nas redes do quintal e cavaquear um pouco. O clima da serra aliviara o calor. José Mariano de Oliveira Lobo, alto, moreno, de olhos e cabelos negros, sobrancelha negra e cerrada,

era sobrinho de Aristides Lobo, um dos pais da República, e irmão de Aristides, jornalista em São Paulo. Aristides era materialista e trabalhava na redação da *Folha da Manhã*. José Mariano era espírita e médium de grandes possibilidades. Sentados nas redes que pendiam dos galhos de duas mangueiras próximas, sentiram o frio da Serra de Botucatu descer sobre eles e recolheram-se à sala, acomodando-se nas poltronas. Zé Mariano estava só, a família estava de viagem. A cozinheira servira o jantar e também se retirara. Com o frio da serra descera um nevoeiro denso que escurecia aquela parte alta da cidade, em que ficava a estação ferroviária.

– Aconteceu-me nestes dias – disse Mariano – um caso que me assustou, apesar de toda a minha familiaridade com os fatos mediúnicos. Eu me deitei na rede do quintal, aquela mesma em que estava ainda a pouco, e logo mais adormeci. Sonhei que no noturno para São Paulo vinha um senhor com um menino mordido por cachorro louco num cafezal. Vi nitidamente a cena. O cachorro mordera o menino quando ele ajudava o pai na colheita e a seguir se perdera. Um homem alto e magro, aloirado, vestido com um terno de linho branco e chapéu branco panamá, surgiu do meio dos pés de café e disse ao pai que tomasse o próximo trem e levasse o garoto ao Instituto Pasteur, em São Paulo, pois o cachorro estava raivoso. Vi e ouvi tudo como se estivesse no local. O pai tomou o menino nos braços e saiu às pressas. Então o homem de branco me disse: “Levante-se da rede e vá depressa à estação. Procure o homem que viu aqui no primeiro vagão da segunda classe e dê-lhe todo o dinheiro que você tem no bolso. A passagem fica por minha conta.” Acordei e saí correndo para a estação. No vagão indicado, logo que o trem chegou, estava o homem com o menino, já babando e de olhos esgazeados. Tirei todo o meu dinheiro do bolso e entreguei ao homem. No mesmo instante surgiu ao meu lado o homem de branco do sonho, que falou com o pai do garoto e lhe deu a passagem para São Paulo. O homem do sonho mal teve tempo de explicar-me: “Ele só tinha passagem até aqui.” O trem deu sinal de partida.



O trem da Sorocabana devorava o chão com dentes de aço.

“Quem é o senhor?, perguntei-lhe. Ele me encarou sorrindo e disse: “Um amigo dos pobres.” O trem acelerou a sua partida e no reboiço da estação perdi de vista o amigo dos pobres. Não sei até hoje quanto eu tinha de dinheiro no bolso. Voltei para casa intrigado. À noite, numa sessão que fazíamos na casa do velho Gasparino, alfaiate que você conhece, um espírito comunicou-se pela médium Zilda e me agradeceu o que eu havia feito. Perguntei quem era ele e como sabia do caso. Respondeu-me apenas: “O amigo dos pobres”. Uma semana depois o pai do garoto apareceu aqui para me agradecer e contar que no Instituto Pasteur consideraram o caso como perdido, mas por via das dúvidas aplicaram as injeções e elas fizeram efeito. Como você vê, o “amigo dos pobres” era um agêner, um espírito que se tornou visível, segundo a teoria das aparições tangíveis, de Kardec.

Zé Mariano puxou o lenço do bolso para enxugar os olhos lacrimejantes e concluiu:

- Até hoje me emociono quando falo desse caso.
- É incrível – disse Zé Luís – mas só quem conhece você poderá acreditar nessa estória. Eu acredito porque o conheço e pelos fatos ocorridos com meu filho.
- O homem – comentou Zé Mariano – é um bicho que a evolução transformou em gente, mas ainda não se capacitou de

sua natureza humana. Preso no mundo tridimensional, engaiolado na rede dos sentidos orgânicos da vida animal, continua condicionado às percepções animais e não acredita em nada que possa romper esse condicionamento. Meu próprio irmão Aristides, que é um homem culto e bom, dotado de vigorosa inteligência e excepcional capacidade de raciocínio, não aceita nada disso. Considera-me um esquizofrênico, dá boas gargalhadas quando lhe conto casos como esse, e se lhe falo de Deus me responde invariavelmente: “Não me fale dessa superstição de selvagens. Somos homens civilizados e vivemos na era científica. O conceito de Deus é ilógico e absurdo!

– Eu também pensava assim, você deve se lembrar – disse Zé Luiz – e custei muito a admitir a possibilidade de qualquer realidade metafísica. Mas Luizinho, que eu tratava como uma criança sugestionada pelos padres, me surpreendeu com uma vivacidade mental precoce e depois com fatos que me dobraram a espinha. Agora, Luizinho que é ainda uma criança, rejeita a sua condição infantil e me trata com arrogância de adulto. Isso me preocupa e quero que você me ajude. Não o deixe entregue apenas aos colegas de pensão e de escola. Cuide dele por mim, quanto lhe for possível.

– Sim, pode estar tranqüilo – respondeu Zé Mariano –, mas me faça um favor, tão grande quanto o que lhe peço. Sempre que estiver em São Paulo, procure Aristides na redação das *Folhas*, na rua do Carmo. Você talvez não se lembre bem dele, mas ele se lembra de você, tem uma memória excepcional. Aristides é uma criatura sofrida, teve 25 prisões, andou muitas vezes foragido e esteve exilado. Sofreu tudo isso por amor à Humanidade. Sua posição materialista é consequência do aviltamento do espírito pelas religiões da violência e da hipocrisia. Agora descobriu o sentido verdadeiro do Evangelho, passou por experiências que lhe provaram a sobrevivência do homem após a morte e interessou-se pela questão espírita. Temo que sofra novo desvio por decepções que já começou a sofrer no meio espírita, em que infelizmente pontificam, na maioria, criaturas ignorantes e vaidosas, dirigindo uma pobre massa

ingênua. Ajude-me a salvá-lo, orientando-o na leitura e no estudo de obras sérias e livres da burrice comum.

– O homem é um autodesafio – disse Zé Mariano –, um espírito em circuito-fechado. Há em nós um ponto central a que chamamos ego, um pivô energético que centraliza e controla toda a nossa estrutura psicofísica. Essa realidade oculta se manifesta no narcisismo, na auto-suficiência, na vaidade e na arrogância. Todos esses elementos são necessários à formação do ser, à estruturação da personalidade. Mas uma vez formada esta, o ego deve abrir-se na existência como a flor na haste da planta. O momento desse desabrochar é lento e penoso, não raro exigindo várias existências sucessivas. Porque o ego (permita-me a expressão mais adequada) é o *point d'optique* da evolução humana, o centro em que podemos fixar os olhos para visualizar toda a vivência humana ali projetada em forma individual. Isso exige um esforço de transcendência, de superação de si mesmo, que poucos são capazes de realizar. Não sei se me faço compreender, mas não encontro outra maneira de expressar essa verdade. Estamos condicionados para a luta contra os outros, contra os elementos naturais. E quando nos vemos na necessidade de lutar contra nós mesmos, sentimo-nos aturdidos, incapazes. Acho que isso explica a nossa falência no processo do autoconhecimento. Mas Aristides, pelo que você me diz, já está na fase de conversão das energias centrífugas do ego para a ação centrípeta. Esse é o momento da conversão verdadeira, que a maioria transforma em adesão a uma seita, a um tipo de formalismo religioso, iludindo-se a si mesma para escapar ao esforço exigente da transcendência.

Você vai explicar isso a Luizinho – disse Zé Luís – e eu vou pedir a ele que me mande isso por escrito. Preciso pensar sobre isso e ao mesmo tempo ter a certeza de que Luizinho tomou conhecimento disso.

– Você está valorizando demais uma simples opinião pessoal, sobre a qual ainda não tive a oportunidade de pensar com espírito crítico – disse Zé Mariano –, pois em assunto assim complexo e ligado a áreas culturais específicas, não podemos chegar a conclusões apressadas. Essa é a minha visão espírita do

problema, não filosófica nem antropológica ou psicológica. Não sou um especialista.

– Sei disso – retrucou Zé Luís, sorrindo e dando-lhe uma palmada no ombro –, mas não acha que esse é um assunto de especialidade espírita? Até agora, a Ciência e a Filosofia espíritas são as únicas que colocaram essa questão do homem numa forma válida de equação. Só elas nos mostram, com as devidas provas, que o homem não é apenas um animal pensante e falante, mas um ser que sobrevive à morte. Só nós, espíritas, podemos dizer com certeza, firmados em experiências, pesquisas e provas científicas, que existe o outro lado do homem e da vida. Todos os especialistas em ramos do conhecimento referentes ao assunto só entendem de um lado, só conhecem o homem mortal, transitório. Só dispõem de um conhecimento do homem equivalente ao conhecimento da Terra que os europeus possuíam antes das descobertas marítimas do Século XVI. Você, Zé Mariano, tem mais autoridade para tratar desse problema do que qualquer cientista do passado e do presente, porque você não apenas conhece, mas vive essa realidade do homem através da sua mediunidade.

– Vá lá – disse Zé Mariano –, seus argumentos são convincentes, mas eu não me julgo com essa autoridade e preciso examinar o assunto com mais cuidado. Parece-me que já podemos encontrar, em muitos cientistas atuais, menos auto-suficientes que a maioria, provas científicas que revelam incursões atrevidas nesse outro lado. A realidade é uma só, e quem procura, acha. Muitos deles já acharam o que desejavam, e outros até mesmo o que não desejavam, e o que falta é apenas uma reunião dos dados obtidos para se poder formar uma visão geral do problema do homem.

Zé Luís foi despedir-se do filho na pensão, ao cair da noite. Luizinho aconselhou-o a pernoitar em Botucatu, mas ele explicou-lhe que não podia fazê-lo, pois Isabel ficaria aflita com a sua demora.

– Pernoitarei em Avaré – explicou –, pois de lá posso telefonar ainda hoje à sua mãe. Amanhã cedo seguirei para Itaí. Assim fez. Passou por Itatinga para abastecer o carro e comer

alguma coisa num bar. A noite estava tranqüila e o luar iluminava os campos. A estrada de terra batida estava seca, o fordinho de bigodes levantava uma poeira fina que ficava para trás, sem incomodá-lo, dando ao veículo uma aparência de carro a jato.

Areais e buracos eram vencidos sem dificuldade por aquele eficiente cabrito a motor. Foi pousar no Hotel Central, na Rua Pernambuco. Dali conseguiu falar com Isabel pelo telefone de manivela. Fez também uma ligação com Botucatu para tranqüilizar o filho na pensão. Felizmente conseguiu logo a ligação, o que não era fácil. Luizinho agradeceu e lhe disse:

– Pai, tenho um recado do anjo para o senhor. Ele diz o seguinte (quer anotar? Então vou ditar): “O homem é uma semente que germina, desenvolve-se e amadurece sem morrer. Uma semente que persiste porque ela é mais que semente, é o próprio homem.” (isto se refere ao que, pai? Ah, sim, falarei ao Zé Mariano, mas é bom o senhor mandar isso por escrito a ele). O anjo acrescenta isto: “Luís já amadureceu.”

Nada alegraria mais Zé Luís do que aquele recado. Ele provava que o anjo estava com Luís e o auxiliaria. Por outro lado, provava que a teoria do Lobo não era dele, mas do anjo. Dormiu tão contente naquela noite como se estivesse em casa. Sonhou com o filho andando pelas ruas de Botucatu escoltado pelo anjo. O ingênuo símbolo do anjo da guarda tornava-se uma realidade no caso de Luís.

Acordou cedo e feliz na manhã ensolarada de Avaré. A viagem para Itaí foi tranqüila. Parou no Porto, o grande empório, à margem do Paranapanema, e lá encontrou Tatim Cafundó, que baldeou para casa aos solavancos do fordinho de bigodes. Tomou Isabel nos braços como se houvesse permanecido longe dela durante muitos dias. E quando ela lhe falou das preocupações com Luizinho, respondeu-lhe alegre:

– Deixe de bobagens, querida, Luizinho não é mais um menino, é um homem!

Ficha de Identificação Literária

J. HERCULANO PIRES nasceu em 25/09/1914, na antiga Província do Rio Novo, hoje Província de Avaré, Zona Sorocabana e desencarnou a 09/03/1979, em São Paulo; filho do Farmacêutico José Pires Corrêa e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires. Fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos), e aos 18 o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revistas da época, da província de São Paulo e do Rio. Teve vários contos publicados com ilustrações na *Revista da Semana* e *No Malho*. Foi um dos fundadores da União Artística do Interior, que promoveu dois concursos literários, um de poemas, pela sede da UAI em C. César, e outro de contos, pela Seção de Sorocaba.

Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de *A Razão*, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos. Transformou (1928) o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI. Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o jornal *Diário Paulista* e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nichemja Sigal, Anathol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou *Estradas e Ruas* (poemas) que Érico Veríssimo e Sérgio Milliet comentaram favoravelmente. Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou seu primeiro romance, *O Caminho do Meio*, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins. Trabalhou como repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos *Diários Associados*. Exerceu essas funções na Rua 7 de Abril por cerca de trinta anos. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, vários de parceria com

Chico Xavier, e lançou recentemente a série de ensaios *Pensamento da Era Cósmica* e a série de romances e novelas *Ficção Científica Paranormal*. Alegava sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tinha vocação acadêmica e não seguia escolas literárias. Seu único objetivo era comunicar o que achava necessário, da melhor maneira possível. Graduado em Filosofia pela USP, publicou uma tese existencial: *O Ser e a Serenidade*.